

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SOCIOECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA ADMINISTRAÇÃO**

Danilo José Alano Melo

**A AGENDA DO PROFESSOR PESQUISADOR EM
ADMINISTRAÇÃO:
uma análise baseada na sociologia da ciência**

Florianópolis

2011

Danilo José Alano Melo

**A AGENDA DO PROFESSOR-PESQUISADOR EM
ADMINISTRAÇÃO:
uma análise baseada na sociologia da ciência**

Trabalho de Conclusão de Estágio
apresentado à disciplina Estágio
Supervisionado como requisito parcial
para a obtenção do grau de Bacharel
em Administração pela Universidade
Federal de Santa Catarina.
Área de concentração: Sociologia da
Ciência da Administração
Orientador: Prof. Maurício Serva, Dr.

Florianópolis

2011

Danilo José Alano Melo

**A AGENDA DO PROFESSOR PESQUISADOR EM
ADMINISTRAÇÃO:
uma análise baseada na sociologia da ciência**

Este Trabalho de Conclusão de Estágio foi julgado adequado e aprovado na sua forma final pela Coordenadoria de Estágios do Departamento de Ciências da Administração da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 11 de Julho de 2011.

Prof. Gerson Rizzatti Júnior, Dr.
Coordenador de Estágios

Professores Avaliadores:

Prof. Maurício Serva, Dr.
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Sérgio Luis Boeira, Dr.
Avaliador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Marcos Abílio Bosquetti, Dr.
Avaliador
Universidade do Estado de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, razão de tudo.

Agradeço a toda a minha família, e principalmente aos meus amados pais que sempre contribuíram para a minha formação e desenvolvimento como indivíduo e cidadão, sinônimos de entrega, de amor, de dedicação. À minha namorada, Caroline, pela paciência e companheirismo em todos os momentos.

Ao meu orientador e amigo professor Maurício Serva, que nesses últimos anos contribuiu não só para a minha formação acadêmica, mas tornou-se um amigo.

Ao professores avaliadores, Sérgio Boeira e Marcos Bosquetti, pelas suas contribuições e sugestões fundamentais para aperfeiçoar esta pesquisa.

A todos os meus grandes amigos.

Ao Núcleo ORD, em especial aos doutorandos Rogério Tonet, Daniel Pinheiro que colaboraram em muito para esta pesquisa, dedicando seu tempo e atenção para leituras, discussões e contribuições.

À Universidade Federal de Santa Catarina e aos professores.

Aos colegas e amigos da turma 07.1.

Ao CNPq pelas bolsas concedidas.

Finalmente, a você que lê este trabalho.

A disciplina organizacional contemporânea não desenvolveu a capacidade analítica necessária à crítica de seus alicerces teóricos e, em vez disso, em grande parte toma emprestadas capacidades exteriores. Por essa razão, condenou-se a si mesma a permanecer pré-analítica e, para sempre, na periferia da ciência social. Dificilmente um campo disciplinar atingirá o nível sofisticado de conhecimento requerido para o ensino em grau superior, se não for capaz de desenvolver em caráter crítico e de si mesmo extraídas de suas bases epistemológicas.

(GUERREIRO RAMOS, 1989, p.118)

RESUMO

A administração é considerada uma ciência nova, se comparada às ciências tradicionais. Isso fica evidente no Brasil, já que o ensino superior em administração foi iniciado a partir da década de 50, importando metodologias americanas de ensino. A partir da formação de professores e pesquisadores, a pesquisa científica nacional em administração passa a ser desenvolvida e a ser parte essencial para a formulação de teorias e metodologias que se adequassem a realidade nacional. Nas últimas décadas, a epistemologia tem se tornado tema comum para diversas ciências, que a usam para refletir sobre suas bases. Nesse contexto, a sociologia da ciência também surge como parte essencial para a compreensão do saber científico, colocando no centro da investigação o pesquisador, ator do campo científico, e suas relações dentro do campo de atuação. Com o objetivo de aprofundar a compreensão sobre o conteúdo do trabalho do professor-pesquisador em administração, tendo em vista a necessidade dos integrantes desse campo, tanto os novos entrantes, como os outros agentes, de compreendê-lo melhor e de maneira sistematizada, esse trabalho procurou responder a seguinte questão: qual é o conteúdo do trabalho do professor-pesquisador, quais seus objetivos e as atividades que compõem suas agendas? Através deste estudo, predominantemente qualitativo, aprofundou-se o conhecimento sobre as atividades com as quais os professores-pesquisadores estão envolvidos, os objetivos quando entraram no campo e os objetivos atuais, assim como, estruturou-se a agenda do professor-pesquisador com base na agenda dos entrevistados. Percebeu-se que a carga de trabalho deste profissional excede 50 horas de trabalho e que as atividades de pesquisa, as predominantes na questão objetiva atual destes profissionais, são desprivilegiadas na semana, sendo deixadas para o final de semana em 47% dos casos. Os limites entre a relação vida pessoal e vida profissional não ficam claros e os impactos refletem-se especialmente na esfera da família e na vida social fora do trabalho.

Palavras-chave: sociologia da ciência, epistemologia, ciência da administração.

ABSTRACT

Management is a contemporaneous science, specially in developing countries, such as Brazil, where the management schools were established in the late 50's by importing the North American teaching model. The development of theory and methodologies tailored to the Brazilian context started later, after the formation of a body of scholars in management. In the latest decades, epistemology has become a research topic for many sciences as a way to build their own self-reflection on their scientific basis. In this context, sociology emerges as the way to understand the scientific knowledge, pointing out a key issue to be investigated: the researchers and their relationships within their arena. Therefore, this study intend to contribute for the understanding of this under-investigated subject by trying to answer the following research question: what are the main goals and the activities that make au the scholars' agenda? This qualitative research explores, by in-depth interviews, the current activities involved in the day-to-day scholars' agenda and points out the gap between the intended and the realized agenda and goals for full-time scholars. The findings show that the week workload exceeds 50 hours and that the teaching activities take over the week days and the research activities are made during the weekends in 47% of the scholars investigated in this study. Another key finding is related to the frontiers between personal and professional life, which shows not to be clear, influencing the quality of the relationships with their family and social life.

Keywords: sociology of science, epistemology, management.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Categorias de Análise	51
Quadro 2: Objetivos profissionais atuais	57
Quadro 3: Atividades da agenda do professor-pesquisador	68
Quadro 4: Agenda média do professor-pesquisador	69

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPAD - Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

ENEO - Encontro da Divisão de Estudos Organizacionais

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	21
1.1	JUSTIFICATIVA	23
1.2	OBJETIVOS	24
1.2.1	Objetivo Geral	24
1.2.2	Objetivos Específicos	24
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	25
2.1	EPISTEMOLOGIA	25
2.1.1	Epistemologia da Administração	28
2.2	SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA	31
2.2.1	O campo científico	32
2.2.2	O capital científico	36
2.2.3	O pesquisador	39
2.2.4	O campo da administração no Brasil	43
3	METODOLOGIA	49
3.1	DELINEAMENTO DA PESQUISA	49
3.2	UNIVERSO DA PESQUISA	50
3.3	COLETA DE DADOS	50
3.4	ANÁLISE DE DADOS	51
4	ANÁLISE DOS DADOS	52
4.1	CONTEÚDO DO TRABALHO	52
4.1.1	Trajetórias	52
4.1.2	Cargos e funções	53
4.1.3	O que é ser professor pesquisador?	53
4.1.3.1	Aspectos institucionais e atuação profissional no Brasil	54
4.1.3.2	Carga de trabalho e preconceitos	55
4.2	OBJETIVOS PROFISSIONAIS	56
4.2.1	Início da carreira	56
4.2.2	Atuais	57
4.2.3	Realização dos objetivos	59
4.3	COTIDIANO	60

4.3.1	As atividades	60
4.3.1.1	As atividades do professor	61
4.3.1.2	As atividades do pesquisador	62
4.3.1.3	Os entraves burocráticos	65
4.3.2	Distribuição do tempo	67
4.3.3	Agenda	69
4.4	Relação trabalho e vida pessoal	72
4.4.1	Impactos	73
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
	REFERÊNCIAS	80
	APÊNDICE A	85

1 INTRODUÇÃO

A administração como ciência, comparada às principais ciências sociais e naturais, é considerada uma ciência jovem. Foi somente no início do século XX que a administração se estabeleceu como ciência por meio dos estudos de Frederick Taylor, fundando o que se chamou de Administração Científica. A Administração como disciplina científica e como profissão credenciada faz parte da modernidade e o ensino superior em administração possui história relativamente recente, difundindo-se nos últimos cem anos (VELLOSO *et al*, 2002). Já no Brasil, o campo científico em administração ainda está em processo de constituição, sendo que as primeiras escolas de ensino superior foram instituídas, na década de 50, para suprir a necessidade da política desenvolvimentista de pessoal qualificado para trabalhar no governo e nos empreendimentos privados. Nesse processo de implantação, o Brasil contou com a ajuda de escolas americanas tradicionais para a capacitação dos professores e, principalmente, para o desenvolvimento das ementas, dos currículos e das metodologias (SERVA, 1992).

A epistemologia vem se consolidando como assunto de interesse na literatura científica (CARDOSO *et al*, 2010). Destaca-se o trabalho coletivo dirigido por Jean-Michel Berthelot (2001), o qual congrega e atualiza análises epistemológicas da economia, história, geografia, linguística, comunicação, sociologia, antropologia e demografia realizadas por autores pertencentes aos seus respectivos campos. Essa disciplina que anteriormente era limitada à filosofia da ciência tem se expandido para as diversas áreas do conhecimento por se tratar do estudo reflexivo do saber, procurando entender a forma como se organiza, como se constrói, como se desenvolve, como funciona e o que produz intelectualmente (JAPIASSU, 1991). O conceito de sociologia da ciência, tema com estreita relação com a epistemologia (JAPIASSU, 1991), ao compreender que a verdade do produto científico reside numa espécie particular de condições sociais de produção no campo em que está inserida, mostra a necessidade de tratar também do campo (BOURDIEU, 1994). Guerreiro Ramos (1989) já ressaltava que a administração como ciência necessita refletir sobre suas bases e desenvolver a reflexão e a crítica de seus pressupostos.

A epistemologia da administração vai se desenvolver a partir dos anos 80. Num estudo que integra a epistemologia e a sociologia da ciência, Michel Audet (1986) discute o conceito de campo e também o interesse de empregar esse conceito para tratar do desenvolvimento e do

conteúdo da ciência administrativa. Audet (1986) identifica os três grupos de atores-chave no campo da produção científica em administração: i) os professores e pesquisadores universitários; ii) os consultores organizacionais; iii) e os gestores profissionais. Os primeiros são, para Audet (1986), os produtores de conhecimento e os últimos, os práticos.

Os intelectuais contemporâneos são produtos das universidades (LECLERC, 2005), e o pesquisador, produtor de conhecimento, trabalhador do saber, gere seu trabalho de maneira relativamente independente (DORTIER, 2005). No entanto, sofrem influências, tanto as inerentes a um campo que está de frente para o mercado, de uma ciência social aplicada, assim como as pressões por publicação, por exemplo, dos sistemas de avaliação. Além disso, pela natureza do trabalho intelectual, o trabalho não o deixa ao sair do escritório, está sempre ligado à internet, ao telefone e às revistas e publicações referentes ao seu trabalho (DORTIER, 2005).

Ser pesquisador é participar de colóquios, é publicar, e, também, ensinar. Significa passar muito tempo na organização material da pesquisa e estudar. Na função de pesquisadores, precisam também encontrar financiamento, preparar entrevistas e viagens, fazer contato com os colegas e os informantes de suas pesquisas. Além disso, na função de professores, participam fortemente das funções de ensino e agregadas a essas duas atividades, as atividades burocráticas. A pesquisa de Michel Berry (1995), em um centro de pesquisa em gestão na França, apresenta um desacordo entre o que o pesquisador deveria e o que pode fazer, mostrando a necessidade de 9 a 12 dias para a semana de um pesquisador ideal. O professor-pesquisador, categoria que envolve as duas funções, portanto, desempenha uma série de atividades diferentes no seu dia-a-dia, mas não se tem um conhecimento aprofundado sobre o conteúdo do trabalho deste agente na ciência da administração no Brasil. Tampouco a maneira como organizam suas agendas em função da quantidade de atividades que lhe são atribuídas.

Sob a perspectiva do trabalho de Bourdieu, o objetivo dos agentes, neste campo, é acumulação de um tipo específico de capital simbólico, o capital científico. Nessa perspectiva, o trabalho dos pesquisadores sofre influência das condições de produção e, dessa maneira, entender essas condições é entender o fruto do seu trabalho e por isso o estudo do campo científico é um assunto intrigante e motivador, já que o pesquisador se defronta com ele mesmo, com seus pares e com seu campo de trabalho, questionando a sua produção e a si próprio (SERVA e PINHEIRO, 2009).

Tendo em vista a falta de pesquisas que aprofundem o conhecimento sobre o campo de atuação do professor pesquisador em administração no Brasil, com o foco nesse produtor de conhecimento, surge a seguinte questão de pesquisa: qual é o conteúdo do trabalho do professor-pesquisador, quais seus objetivos e as atividades que compõem suas agendas?

1.1 JUSTIFICATIVA

O trabalho é justificado pela sua originalidade, tendo em vista a necessidade de estudos voltados para a análise social do campo da produção científica em administração no Brasil. Também se constituiu original, ao propor aprofundar e sistematizar o conhecimento sobre o campo científico da administração no país, haja vista a lacuna nesta área da sociologia da ciência da administração. Isso porque poucos trabalhos se concentram nas atividades do pesquisador, analisando-o como ator da produção científica, e aqueles que tratam do campo abordam mais o conteúdo da sua produção.

Consolidando a necessidade de estudos nessa área, destaca-se a atualidade do tema com o surgimento da temática nas divisões de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade e de Estudos Organizacionais da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD), em 2009 e 2010 respectivamente. Este tema esteve presente também no Encontro da Divisão de Estudos Organizacionais (ENEO), também em 2010. A necessidade de se conhecer melhor o campo é evidente, principalmente por contribuir para o conhecimento das bases, da trajetória e das influências na ciência da administração para o aperfeiçoamento dela como ciência.

O campo da administração também apresenta algumas características que o tornam um interessante objeto de estudo ao envolver, além dos pesquisadores, os gestores e os consultores, os práticos e os híbridos, e ser um campo profissional, facilmente inserido no mercado de trabalho. Por isso, cabe então pesquisar e revelar as atividades com as quais o produtor de conhecimento neste campo se depara, já que nem sempre fica claro para os agentes as atividades com as quais eles se envolvem, tampouco o que faz um professor-pesquisador.

Outrossim, uma análise do campo científico, através de uma análise do ator, o agente produtor do conhecimento, e das atividades com

as quais eles se envolvem é uma maneira de colaborar com a reflexão sobre a produção do conhecimento científico, sob a perspectiva da sociologia da ciência elaborada por Bourdieu.

Sobretudo, ressalta-se a necessidade dos integrantes do campo, dos novos entrantes e dos outros agentes, compreendê-lo melhor, e de maneira sistematizada, entendendo a produção do conhecimento a partir da observação de si próprio – o conteúdo do trabalho, os objetivos, o cotidiano desses atores e os impactos da atuação profissional na sua relação com a vida pessoal.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Contribuir para a compreensão do conteúdo do trabalho do profissional da ciência da administração, os professores-pesquisadores. A partir do objetivo geral, supracitado, desenvolvem-se os objetivos específicos.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Mapear as atividades com as quais os professores-pesquisadores estão envolvidos no exercício das suas funções acadêmicas;
- Identificar os objetivos profissionais destes profissionais;
- Compreender a estrutura da agenda do professor-pesquisador e os seus impactos na relação entre a vida pessoal e a vida profissional.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta etapa do trabalho tratar-se-á dos conceitos e das definições teóricas que são utilizadas para fundamentar as análises. Para tanto, os tópicos deste capítulo seguem a seguinte sequência:

2.1 EPISTEMOLOGIA

Japiassu (1991), um dos epistemólogos brasileiros, inicia o capítulo que introduz o conceito de epistemologia afirmando que muito se sabe sobre o que ela não é, mas pouco se sabe sobre o que é ou se torna, tendo em vista que se trata de uma disciplina recente. Para ele, portanto, definir o estatuto da epistemologia atual é tarefa delicada, já que “os limites do domínio da investigação dessa disciplina são muito flutuantes” (JAPIASSU, 1991, p.23).

O autor introduz o conceito de epistemologia pela noção mais simples, pela etimologia, discurso (logos) sobre a ciência (episteme), termo que tem início a partir do século XIX no vocabulário filosófico. Para o dicionário Robert (2009), epistemologia, no sentido filosófico, é o estudo das ciências destinado a determinar sua origem lógica, seu valor e seu alcance e de acordo com a epistemologia inglesa, no sentido didático, é a teoria do conhecimento e da sua validação. Para Grayling (1996), a epistemologia, conhecida por teoria do conhecimento, também, é o ramo da filosofia interessado na investigação da natureza, fontes e validade do conhecimento. As questões principais a que ela se dispõe a responder são: o que é o conhecimento? Como ele pode ser alcançado? É possível conseguir meios para defendê-lo contra o desafio dos céticos?

Blanché (1988) entende o significado de epistemologia como teoria do conhecimento científico ou teoria da ciência. A epistemologia pode ser entendida como um estudo metódico e reflexivo do saber, da forma como se organiza, como se constrói, como se desenvolve, como funciona e o que produz intelectualmente (JAPIASSU, 1991).

O estatuto do discurso epistemológico, para Japiassu (1991), é ambíguo, tendo na filosofia os princípios e na ciência o seu objeto, como um discurso sistemático.

Tradicionalmente, ela é considerada uma disciplina especial da filosofia e, por essência, um estudo crítico dos princípios, hipóteses e

resultados das diversas ciências (SERVA, DIAS, ALPERSTEDT, 2009). Era, dessa maneira, tema de pesquisa dos filósofos para a ciência e sobre a ciência, mas não era obra dos próprios cientistas (JAPIASSU, 1991). As filosofias, para Japiassu (1991), desenvolveram espontaneamente filosofias da ciência, teorias do conhecimento, tendo como objetivo: i) evidenciar os meios do conhecimento científico; ii) elucidar os objetos aos quais determinado conhecimento se aplica; iii) fundar a validade deste conhecimento.

“Essencialmente a epistemologia é o estudo crítico dos princípios, das hipóteses e dos resultados das diversas ciências” (JAPIASSU, 1991, p.25). E para o autor as três funções clássicas da filosofia das ciências são: i) situar o lugar do conhecimento científico dentro do domínio do saber; ii) estabelecer os limites do conhecimento científico; iii) buscar a natureza da ciência.

Também de acordo com Japiassu (1991), não devemos falar em conhecimento-estado, como um dado adquirido, mas sim como um processo e a tarefa da epistemologia consiste em conhecer o devir e em analisar as etapas da estruturação, chegando sempre a um conhecimento provisório “jamais acabado ou definitivo” (p.27).

Para Serva e Pinheiro (2009) a epistemologia pode ser considerada um metadiscorso acerca da ciência, concepção que foi reforçada com o avanço para além da análise dos pressupostos lógicos da ciência ao agregar os estudos de sociologia e antropologia da ciência a essa discussão.

Japiassu (1991) desenvolve que a epistemologia se situa na intersecção de preocupações e de disciplinas diversas, que lhe são mais ou menos afins. Pela dificuldade em encontrar uma lista que esgote essas disciplinas, o autor apresenta algumas dessas disciplinas: filosofia das ciências; história das ciências; psicologia das ciências; antropologia da ciência; e sociologia do conhecimento.

Quanto à primeira, a filosofia das ciências, Japiassu (1991) reforça a teoria vinda da filosofia, as grandes epistemologias, e o papel dos grandes filósofos para a construção da teoria do conhecimento ao se questionarem como a ciência é possível. As teorias clássicas do conhecimento partem portanto, da reflexão sobre as ciências, os tipos de saber e as suas fontes.

A história das ciências, que teve um grande desenvolvimento no início do século XX, diferencia-se da epistemologia clássica ao adotar as ideias como fatos, procedendo das origens para o presente. Japiassu (1991, p.31,32) considera que a epistemologia não pode deixar de se interessar pela história das ciências, ao ponto que “interrogar-se sobre a

história da ciência consiste em interrogar-se ao mesmo tempo sobre a sua finalidade, sobre seu destino, sobre seu porquê”, mas também significa questionar sobre aquilo que ela se interessa e se ocupa em conformidade com aquilo que visa.

A terceira disciplina, psicologia das ciências, para Japiassu (1991) ainda está em seu início, mas apresenta um campo vasto, e interessa-se por questões como: de que maneira crescem os conhecimentos? Tendo, portanto, enfoque diferente do tradicional.

Já quanto à sociologia do conhecimento, Japiassu (1991) mostra que havia uma abordagem comum para alguns sociólogos do conhecimento, tais como Marx, Weber e Durkheim. Para eles, o conhecimento não pode ser considerado como uma construção autônoma e individual, mas como uma atividade social, inserida num determinado contexto sócio-cultural, portanto é sempre tributário de fatores extrínsecos, tais como: religião, ideologia, filosofia, economia, política. Aqui, Japiassu (1991) faz distinção entre sociologia do conhecimento e sociologia da ciência.

Distinta da sociologia do conhecimento, que guardou um caráter especulativo para estudar o problema de uma determinação social do conhecimento, a sociologia da ciência dá preferência às pesquisas concretas do condicionamento social e dos fatores não-científicos concernentes às diversas descobertas científicas (...) Não se interessa tanto, como a sociologia do conhecimento, pelos sistemas do conhecimento científico, mas pelos próprios cientistas, em suas condições reais de trabalho (JAPIASSU, 1991, p.36)

Dessa maneira, para Japiassu (1991) a sociologia da ciência concentra-se no cientista, no produtor de conhecimento, avaliando condições de trabalho e as influências das relações entre os agentes para o avanço científico, fatores que envolvem o condicionamento social e, inclusive, fatores não científicos que interferem nesse avanço.

O conceito de epistemologia é, portanto, empregado de maneira bastante flexível. Não há, também, uma única definição que integre todas as interfaces as quais o tema se desenvolve. Das disciplinas tratadas por Japiassu, interessa-nos, nesta pesquisa, desenvolver a sociologia da ciência, o exame das condições de produção dos

conhecimentos científicos, que será tema da seção seguinte, após tratar-se da epistemologia da ciência da administração, tópico que segue.

2.1.1 Epistemologia da Administração

Japiassu (1991, p.16,17) se refere a três tipos de epistemologia: global – quando se refere ao saber globalmente considerado; particular – relacionada a um campo particular do saber; específica – quando se refere ao estudo próximo das relações que uma disciplina mantém com outras enquanto unidade de saber científico. Serva, Dias e Alperstedt (2009) classificam a epistemologia da administração como uma epistemologia específica, que se consolidou com um saber interdisciplinar. Atualmente, para Japiassu (1991, p.30), “são os próprios cientistas que se interessam por refletir sobre o que fazem”, apesar de as grandes epistemologias continuarem ligadas a uma filosofia.

Chevalier e Loschak (1980), segundo Serva, Dias e Alperstedt (2009), são dois dos primeiros autores que realizam uma discussão epistemológica na administração, com enfoque na administração pública. A ciência administrativa, ainda em gestação, para responder aos critérios de cientificidade deve superar os obstáculos epistemológicos e construir instrumentos de análise adequados (CHEVALIER E LOSCHAK, 1980).

De acordo com Audet e Déry (1996), o campo da administração surge com a revolução industrial, com os estudos de tempos e movimentos de Taylor, em conformidade ao método indutivo do empirismo anglo-saxão e com Fayol, ao edificar os princípios, se inscrevendo no racionalismo e no neocartesianismo, característico do meio científico de sua época, francês. A Segunda Guerra Mundial deu impulso à administração como ciência, principalmente na América do Norte e na Europa Ocidental. A pesquisa operacional dá saltos nessa época, por exemplo.

No seu desenvolvimento científico, a administração utiliza os conhecimentos de outras ciências para alargar e apurar sua problemática e enriquecer seus instrumentos conceituais e aperfeiçoar suas técnicas de investigação (CHEVALIER E LOSCHAK, 1980). Para desenvolver essa proposta Chevalier e Loschak (1980) focam três princípios: abordagem integrativa – deve integrar as diferentes disciplinas que a compõem; instrumentos conceituais – deve recorrer ao aparelho

metodológico elaborado em outras ciências; meios de investigação – deve utilizar ao máximo as investigações empíricas, já que sem elas os conhecimentos, na administração, seriam apenas as especulações intelectuais.

No trabalho de Chevalier e Loschak (1980), os autores indicam três obstáculos epistemológicos que devem ser sobrepujados para superar o estágio pré-científico do desenvolvimento da ciência da administração: i) o parasitismo ideológico; ii) o normativismo; e iii) as armadilhas do empirismo.

Chevalier e Loschak (1980) apontam que o parasitismo ideológico exerce forte influência na ciência administrativa, já que mantém relações ambíguas com o poder e se vê frequentemente solicitada a contribuir para a legitimação da ordem existente. Para tanto uma pesquisa fundada num método crítico deve desconfiar das racionalizações da ideologia dominante. Quanto ao normativismo, os autores constataam que este desvio manifesta-se em duas frentes: uma ligada às tendências pragmáticas e a outra decorrente da persistência do modo de raciocínio jurídico. Finalmente, no terceiro ponto, os autores apontam que o empirismo, apesar da submissão aos fatos, não preserva a influência ideológica, nem do normativismo.

Com o surgimento da epistemologia historiográfica e sociológica, no início dos anos 70, uma série de consequências na administração ocorreu: “as práticas remetem a regras de produção e validação do conhecimento muito diferentes; fica evidente o caráter polimorfo da administração; e a legitimação dessas diferenças internas geram subunidades dentro do campo da administração” (SERVA, DIAS E ALPERSTEDT, 2009, p.6). Essas conseqüências, ao afetarem todo o campo, tornam a epistemologia da administração, para Audet e Déry (1996), cada vez mais local, explícita, empírica e pluralista.

Para desenvolver uma análise epistemológica da produção em administração, apresenta-se a classificação em paradigmas estruturada por Séguin e Chanlat (1987). Ressalta-se que um paradigma pode ser compreendido como “realizações científicas universalmente reconhecidas que fornecem soluções e problemas modulares para uma comunidade de praticantes da ciência” (KUHN, 1987, p. 13). Diferentemente da classificação de paradigmas na análise organizacional de Burrell e Morgan (1979), em que estruturam-se os paradigmas com base em algumas determinantes, como mudança radical ou regulação, subjetivo ou objetivo, chegando ao humanismo radical, interpretativo, estruturalismo racial e funcionalismo, a classificação de

Séguin e Chanlat (1987) apresenta o paradigma funcionalista e o paradigma crítico.

No paradigma funcionalista, a concepção das organizações que tem em comum são: i) concepção sistêmica e sincrônica: conjunto de pessoas com atividades sistematicamente planejadas por outros, pela hierarquia de autoridades, a fim de atingir objetivos; ii) concepção teleológica: a coordenação das pessoas e atividades é orientada para o alcance de certos objetivos e metas; iii) concepção a-histórica: análises voltadas ao presente, ocultando os fenômenos de causalidade e de mudança e a história da organização, seu passado; iv) concepção integradora e não conflitual: a organização ideal é caracterizada pela concentração de esforços comuns e pelo consenso, e não pela existência de relações de conflito e de poder. Já no paradigma crítico, os autores apresentam seis concepções: i) sociológica: as relações que se desenvolvem na organização não estão desligadas das ideologias, dos valores, das concepções de mundo, ou seja, não são independentes das raízes sociológicas, da estrutura social e das relações sociais de determinada sociedade; ii) histórica: ao contrário da concepção funcionalista, no paradigma crítico a história é levada em conta e não pode ser dissociada da história da sociedade da qual fez parte; iii) dialética: as organizações não são elementos estáticos e inertes, apresentam contradições, oposições, conflitos, crises, privilegiando os processos mais do que as estruturas; iv) desmistificadora: revela os motivos não ditos, desnuda as relações reais e destrói velhos determinismos; v) acionalista: visão da organização como produtos humanos; vi) emancipatória: buscam liberar o homem de certos limites econômicos, políticos, sociais e culturais que servem apenas para justificar a dominação e exploração, visando liberar os homens de todos os entraves que não permitem a sua realização como seres humanos. Como se pode perceber, este paradigma não é apenas um instrumento de análise, mas consiste em um projeto libertário (SÉGUIN E CHANLAT, 1987).

Enquanto o paradigma funcionalista privilegia a estabilidade, a integração, a coordenação funcional, o consenso, o paradigma crítico se interessa pelo conflito, pela mudança, pela desintegração e pela dominação. O paradigma crítico, acima de tudo uma concepção de mundo, tem um subdesenvolvimento relativo no campo das organizações devido, acima de tudo, a hegemonia do funcionalismo anglo-saxão nas ciências sociais (SÉGUIN e CHANLAT, 1987).

Quanto ao paradigma dominante, Campos (1993) destaca três limitações que este promoveu em relação ao desenvolvimento das

teorias da administração: o reducionismo, a incapacidade para lidar com contradições e a não apreciação da subjetividade, da capacidade do ser humano em interpretar a realidade. Para Serva, Dias e Alperstedt (2009) essa combinação de limitações deu origem à racionalidade instrumental tomada como lógica central da vida. Corroborando, Garcia e Bronzo (2000) criticam a consagração da visão mecanicista do mundo e propõem um olhar mais distante dos aspectos hegemônicos funcionalistas.

Guerreiro Ramos (1989) já evidenciava a emergente necessidade de uma reformulação epistemológica da teoria das organizações e, ao entender que o comportamento administrativo é condicionado aos imperativos econômicos, apresenta o modelo multidimensional. Este modelo considera a sociedade como um conjunto de enclaves, dos quais o mercado é apenas um deles e um sistema de governo social capaz de gerenciar os enclaves sociais. Assim, a proposição prevê uma contribuição da ciência administrativa para uma maior compreensão da diversidade humana, tanto individual como social.

Nesse sentido, a presente pesquisa ao tratar do desenvolvimento da ciência, sob uma perspectiva epistemológica, centrada na sociologia da ciência, tema do próximo capítulo, procura aprofundar a discussão epistemológica desta ciência, corroborando a visão estabelecida por Guerreiro Ramos (1989).

2.2 SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA

Japiassu (1991) reconhece em sua obra sobre epistemologia a estreita ligação com a sociologia do conhecimento, sociologia da ciência. A sociologia da ciência repousa no postulado de que a verdade do produto reside numa espécie particular de condições sociais de produção (BOURDIEU, 1994). “A análise do campo é, portanto uma possibilidade de avanço da ciência a partir da compreensão daqueles que a produzem” (SERVA e PINHEIRO, 2009, p.1).

Retoma-se aqui a noção de paradigma de Kuhn (1987) de que os membros de uma comunidade científica compartilham de um paradigma a partir do momento em que se iniciam na ciência e possuem uma literatura técnica comum entre os pares. Neste sentido, Bourdieu (1994) afirma que os conflitos epistemológicos serão sempre conflitos políticos.

Diante da necessidade de escapar à alternativa da “ciência pura”, completamente livre de necessidade social, e da “ciência escrava”,

dominada por todas as demandas político-econômicas, Bourdieu (2004a) considera importante analisar a estrutura das relações objetivas entre os agentes, o que denomina de princípios do campo.

A sociologia da ciência se esforça em responder questões a respeito: do modo de funcionamento e de organização do espaço científico; da natureza do trabalho realizado pelos cientistas, enquanto atores integrantes de uma profissão; de como funciona a comunidade científica, como se dão as relações entre os profissionais da ciência, o que comanda as intervenções científicas, os lugares de publicação, os temas escolhidos, os objetos que interessam; da influência do contexto sobre o conhecimento produzido (BOURDIEU, 1994; 2004a).

Desta forma, é fundamental entender o campo científico e compreender de forma adequada seus elementos, pois é nele que ocorre a produção do conhecimento. Nesta seção, serão apresentadas, sob a perspectiva dos trabalhos do sociólogo francês Pierre Bourdieu, os conceitos de campo científico, capital científico.

2.2.1 O campo científico

O campo é um espaço de conflitos, em que se tem um campo socialmente construído no qual os atores, os agentes, se defrontam com o objetivo de conservar ou transformar as relações de força em vigência (BOURDIEU, 2004b). É um mundo social, e como tal faz imposições e solicitações que serão relativamente independentes do mundo social que o envolve (BOURDIEU, 2004a).

Bourdieu (2004b) acredita que a noção de campo permite romper com alguns pressupostos aceitos pela maioria dos interessados pela ciência, ainda que tacitamente, contestando a ideia de ciência pura e também da ideia de comunidade científica. Naquela noção, a ciência se desenvolve totalmente autônoma, uma ficção interessada, enquanto nesta a noção é de que há um objetivo e uma cultura comum entre os cientistas e esquece-se do fundamento do mundo científico nas disputas pelo monopólio de definição dos bens científicos.

Para Bourdieu (1976, p.112) o campo científico é um campo social como outro qualquer, “com suas relações de força e monopólios, lutas e estratégias, interesses e lucros, no qual todas essas *invariantes* assumem formas específicas”. Para o autor é inútil distinguir entre as determinações científicas puras e as determinações sociais, ou seja, o

interesse científico do interesse pela autoridade científica - o prestígio, o reconhecimento, a celebridade.

O campo científico é um “sistema de relações objetivas entre posições adquiridas em lutas anteriores – é o lugar e o espaço de uma luta concorrencial” (BOURDIEU, 1994, p.122). Bourdieu (2004a) considera que a estrutura das relações objetivas entre os agentes é que determina o que pode e o que não se pode fazer, e é a posição que ocupa nessa estrutura que orienta as ações, portanto é necessário compreender de onde se fala. Um campo é ao mesmo tempo um lugar e um sistema. Ele é o lugar das relações entre atores humanos que pretendem produzir conhecimentos definidos ou que são reconhecidos como tal, e é também, como campo, um sistema de posições dos atores-produtores e de suas relações (AUDET, 1986).

Desse modo, a noção de campo, para Bourdieu (2004b, p.54) ainda consiste em um sistema de questões que se especificam constantemente:

A teoria do campo orienta e comanda a investigação empírica. Obriga a formular a questão de saber o que é que se joga nesse campo, o que está em jogo, quais os bens ou as propriedades procuradas e distribuídas ou redistribuídas, e como é que se distribuem, quais são os instrumentos ou as armas que se deve ter para jogar com hipóteses de ganhar e qual é, em cada momento do jogo, a estrutura da distribuição dos bens, ganhos e trunfos, ou seja, do capital específico.

Bourdieu (1976, p.112) aprofunda a discussão do que está em jogo, afirmando que o que está em luta são os monopólios da autoridade científica e da competência científica que são socialmente concedidas a um ator determinado. Na autoridade avalia-se a capacidade técnica e poder social, já na competência científica a capacidade de falar e agir legitimamente. Assim sendo, as relações de força científicas são relações de conhecimento e comunicação (BOURDIEU, 2004b) e a diferença entre um campo e um jogo qualquer é que no campo as regras estão elas próprias em jogo (BOURDIEU, 2004a).

Conforme Bourdieu (1976), é o campo científico que designa a cada ator, ou seja, ao cientista, os problemas políticos científicos, bem como seus métodos e estratégias, adequadas em função da posição que exerce no campo. “Não há escolha científica (...) que não seja uma

estratégia política de investimento objetivamente orientada para a maximização do lucro científico, a obtenção do reconhecimento dos pares-concorrentes” (BOURDIEU, 1976, p.116). O autor acrescenta que as estratégias no campo científico apresentam sempre duas facetas: i) função puramente científica; ii) “função social no campo, ou seja, em relação aos outros agentes envolvidos no campo” (BOURDIEU, 2004b, p.79). Dessa maneira, uma análise que isolasse a dimensão puramente política dos conflitos pela dominação no campo científico seria falsa.

Bourdieu (2004a) considera inútil distinguir entre as determinações propriamente científicas e as sociais das práticas, já que considera artificial e, por sua vez, impossível a distinção entre os interesses intrínseco e extrínseco. Bourdieu (2004b) acrescenta que, na compreensão de campo, um laboratório também deve ser considerado um campo, um subcampo, já que dispõe de autonomia relativa às limitações associadas a sua posição na estrutura do campo disciplinar e enquanto espaço de um jogo específico, contribui para determinar as estratégias dos agentes. Há ainda que se avaliar, para o autor, as instituições científicas cujo funcionamento, composição social, estrutura organizacional, devem ser compreendidas em função da lógica de campo, incluindo as formas organizacionais que estruturam a prática dos atores e das suas interações, citando no caso francês o *Centre national de la recherche scientifique* (CNRS). Para alguns atores, o pertencimento a essas instituições científicas, inclusive laboratórios, e a defesa dos interesses comuns fornece recursos que pelas leis de funcionamento do campo não lhe são fornecidos.

Neste campo, acumular capital, significa “fazer um “nome”, um nome próprio, um nome conhecido e reconhecido, marca que distingue imediatamente seu portador (...)” (BOURDIEU, 1994, p.132). Este campo traz um fenômeno que é destacado pelo autor, o reconhecimento do valor dos produtos provém dos seus pares e ao mesmo tempo concorrentes pela definição de ciência, que, portanto, são menos inclinados a reconhecê-lo sem discussão ou exame. O que é percebido como importante e interessante é o que tem chances de ser reconhecido como tal pelos outros, seus pares (BOURDIEU, 2004a). Para obter esse reconhecimento pelos seus pares-concorrentes, é necessário que a obra tenha um valor distintivo e seja original na contribuição que traz aos recursos científicos já acumulados (BOURDIEU, 1994).

Dortier (2001) mostra que as relações com os colegas são um aspecto interessante do campo, sempre ambíguas, já que existe o interesse em dividir resultados, sendo os pares os principais avaliadores e que poderão contribuir com o trabalho, mas ao mesmo tempo há a

competição, concorrência pela busca dos resultados, por exemplo. Os produtores têm “como clientes apenas os seus adversários mais rigorosos, os mais competentes e críticos” (BOURDIEU, 2004b, p.78)

No ensino superior francês, no espaço do campo universitário, a distribuição de professores é tal que quanto mais próximos do polo de poder, menos prestígio tem, em termos de indicadores de produção científica. Nesse processo, então, as duas estruturas estão dispostas de maneira inversamente proporcional (BOURDIEU, 2004a).

[...] de um lado, as pessoas mais poderosas, em particular do ponto de vista do controle da reprodução do corpo (aqueles que têm assento no CNU, nas grandes comissões examinadoras de concursos etc.) e da perpetuação do paradigma, da ortodoxia; de outro, as pessoas que têm o prestígio, a notoriedade, o reconhecimento, sobretudo internacional, mas que têm pouco poder. Essa discordância é geradora de todo um conjunto de efeitos (BOURDIEU, 2004a, p.42).

Entre esses efeitos, permite aos que fracassam no campo científico imputar sua má-posição intelectual à sua má posição na ordem do poder (BOURDIEU, 2004a). Outro problema, destacado pelo autor, está relacionado às disciplinas que demandam uma maior quantidade de recursos para se desenvolverem, e a alguns pesquisadores que se tornarem administradores científicos, por intermédio do controle de recursos, exercem um poder demasiado no campo.

Bourdieu (2004a) considera ainda um dos grandes paradoxos dos campos científicos é que devem, em ampla medida, sua autonomia ao fato de que são subsidiados pelo Estado e, portanto, sustenta-se uma produção que não está submetida à sanção imediata do mercado, mas que em alguns setores o Estado pode interferir, de acordo com seus interesses e impor constrangimentos, através de pressões de forças econômicas.

Ainda com relação ao campo e às forças externas, Bourdieu (2004a, p.22) considera que “uma das manifestações mais visíveis da autonomia do campo é sua capacidade de refratar, retraduzindo sob uma forma específica as pressões ou as demandas externas”. Além disso, a atividade científica implica em determinado custo econômico e o grau de autonomia de uma ciência depende do grau de necessidade que ela demanda para se concretizar. Mas depende, sobretudo, do grau em que

está protegido contra intrusões e que é capaz de impor sanções, positivas ou negativas.

Dentro deste campo as relações são centradas no capital científico, no acúmulo deste capital, e para entender as relações dentro dos campos científicos torna-se importante compreender o conceito de capital científico (BOURDIEU, 2004a). Por isso, o próximo capítulo aprofunda a discussão sobre capital científico.

2.2.2 O capital científico

Bourdieu considera o capital científico como uma espécie particular do capital simbólico. Para Bourdieu (2004b, p.80), “o capital científico funciona como um capital simbólico de reconhecimento”, e este vale apenas nos limites do campo, apesar de poder ser convertido em outras espécies de capital, como o econômico, por exemplo.

Bourdieu diz que o capital simbólico é:

[...] um conjunto de propriedades distintivas que existe na e pela percepção de agentes dotados de categorias de percepção adequadas, categorias que se adquirem principalmente através da experiência da estrutura da distribuição desse capital no interior do espaço social ou de um microcosmo social particular como o campo científico (BOURDIEU, 2004b, p.80)

O capital simbólico, como se sabe, é fundado sobre atos de conhecimento e de reconhecimento, que “consiste no reconhecimento, ou no crédito, atribuído pelo conjunto de pares-concorrentes no interior do campo científico” (BOURDIEU, 2004a, p.26). Bourdieu, em sua pesquisa sobre o campo universitário francês, traz, além do número de menções e referências ao trabalho, os sinais de reconhecimento e de consagração, como os prêmios, e as traduções para línguas estrangeiras. Dessa maneira, consiste em um ato de reconhecimento que dá tanto mais capital quanto mais reconhecido é, portanto, torna um cientista mais autônomo, mais dotado de capital (BOURDIEU, 2004b, p.81).

Existir cientificamente significa ter «algo mais», segundo as categorias de percepção em vigor no campo, ou seja, para os pares («ter dado um

contributo»). E sobressair (positivamente) através de um contributo distintivo. Na troca científica, o cientista dá um «contributo» que lhe é reconhecido por atos de reconhecimento público tais como, nomeadamente, a referência como citação das fontes do conhecimento utilizado (BOURDIEU, 2004b, p.81).

Bourdieu (1994) elenca dois tipos de visibilidade, que podem ser percebidas numa série: relativa e intrínseca. A relativa é definida pelo grau que ele ocupa na série e a intrínseca resulta do fato de que já conhecido, ele é mais facilmente reconhecido, dessa maneira o capital leva ao capital.

O conceito de visibilidade demonstra bem o valor diferencial do capital científico, sendo que ao estar concentrado num nome próprio, conhecido e reconhecido, “destaca o seu portador do fundo indiferenciado no qual se confunde o comum dos investigadores anônimos” (BOURDIEU, 2004b, p.80). Portanto, destaca o cientista dos demais.

Conforme Bourdieu (2004b), o capital simbólico atrai o capital simbólico. De certo modo, então, o campo científico dá créditos aos que são detentores de crédito. Isso fica evidente ao perceber que os mais conhecidos são os que mais se beneficiam dos lucros simbólicos “aparentemente distribuídos em partes iguais entre os signatários nos casos de autorias múltiplas ou de descobertas múltiplas por pessoas de fama desigual” (BOURDIEU, 2004b, p81). O pesquisador depende da sua reputação, junto aos pares, para obter fundos de pesquisa, atrair bons estudantes, conseguir bolsas e subvenções, convites, prêmios (BOURDIEU, 1994). Dessa maneira, é importante o acúmulo desse tipo de capital. Além disso, são os detentores do capital que comandam a distribuição do lucro no campo, e essa estrutura de distribuição é que determina a estrutura de um campo, como mostra Bourdieu na citação abaixo:

A estrutura de distribuição do capital determina a estrutura do campo, ou seja, as relações de força entre os agentes científicos: a posse de uma quantidade (logo, de uma parte) importante de capital confere poder sobre o campo, portanto, sobre os agentes comparativamente menos dotados de capital (e sobre o requisito de

admissão no campo) e comanda a distribuição das hipóteses de lucro. (BOURDIEU, 2004b, p. 53)

Percebe-se, assim, que o capital científico é um tipo particular de capital que repousa sobre o reconhecimento de uma competência que proporciona autoridade. Além disso, contribui para a definição das regras do jogo, assim como das regras para distribuição dos lucros no jogo. Essas regras são as que fazem importante escrever sobre determinado tema, tornando-o brilhante ou ultrapassado, e em que periódico é melhor publicar determinado tema (BOURDIEU, 2004a). Bourdieu (1994) afirma que a autoridade científica é uma espécie particular de capital que pode ser acumulado, transmitido e até reconvertido em outras espécies.

Bourdieu (2004b) considera duas espécies de capital científico: um capital de autoridade propriamente científica e um capital de poder sobre o mundo científico. Este pode ser acumulado por vias que não são puramente científicas, através das instituições, por exemplo.

Os campos são o lugar de duas formas de poder, as quais correspondem a duas espécies de capital científico: i) um poder temporal ou político, o poder institucionalizado que está relacionado à ocupação de posições importantes nas instituições científicas, coordenação de laboratórios, departamentos, pertencimento a comissões, comitês de avaliação e ao poder sobre os meios de produção e reprodução que ela assegura; ii) um poder específico, o prestígio pessoal que repousa exclusivamente no reconhecimento (BOURDIEU, 2004a).

O poder temporal segue o princípio burocrático de poder, como os dos ministros e dos ministérios, dos reitores ou do que Bourdieu (2004b) chama administradores científicos. Bourdieu (2004b, p.88) ainda diferencia os dois tipos de capital com a seguinte consideração: “poderes temporais são, sobretudo, nacionais, ou seja, ligados às instituições nacionais, principalmente as que regem a reprodução do corpo dos cientistas - como as Academias, os comitês, as comissões, etc. enquanto o capital científico é mais internacional”.

Essas duas espécies de capital científico ainda seguem leis diferentes para a acumulação. Enquanto o capital científico específico é obtido pelas contribuições reconhecidas ao progresso da ciência, pelas publicações, o capital temporal, por sua vez, obtém-se por estratégias políticas. Bourdieu esclarece que ambos os tipos exigem tempo, para a acumulação.

Bourdieu (2004a) ao refletir sobre essa cisão de dois poderes, apresenta a possibilidade de que não exista apenas o que chama de

“teocracia epistemocrática dos melhores”, tampouco a “impotência dos melhores”. Por outro lado, considera lamentável o que pode ter de “funcional” nessa divisão, não para o progresso da ciência, mas para o conforto dos menos ativos, menos produtivos, já que podem recorrer ao poder temporal, como um tecnocrata da pesquisa, mas fraco sob os pontos de vista dos critérios científicos.

Para o sociólogo francês, um dos fatores determinantes na diferenciação das carreiras científicas é a arte de antecipar tendências, que para ele está relacionada a uma origem social e escolar elevada que permite “apossar-se dos bons temas em boa hora, os lugares de publicação” (BOURDIEU, 2004a, p.28).

Observa-se que a força de um agente no campo depende dos diferentes trunfos, ou seja, depende do “volume e estrutura do capital de diferentes espécies que possui” (BOURDIEU, 2004b, p.53).

Finalmente, o autor ressalta que não existe escolha científica que não seja também uma “estratégia social de posicionamento orientada para a maximização do lucro específico, indissociavelmente social e científico, dado pelo campo” (BOURDIEU, 2004b, p.85). Dentre essas escolhas científicas, Bourdieu (2004b, p.85) elenca algumas: “domínio de investigação, escolha dos métodos utilizados, escolha do lugar de publicação de publicar rapidamente resultados parcialmente verificados ou tardiamente resultados plenamente controlados”.

Na próxima seção, será tratado especificamente do pesquisador, tendo em vista que é ator da produção científica, participa do campo e busca o capital científico.

2.2.3 O pesquisador

Nesta seção serão sintetizados alguns estudos que consideram o pesquisador como um ator social, um agente da produção científica.

O pesquisador, para Berry (1995), é um homem apressado já que sua carga de trabalho ultrapassa o tempo que pode consagrar. Existe um desacordo entre as tarefas que deveria fazer e aquilo que pode fazer, sendo muitas vezes obrigado a criar medidas para adiar as atividades mais difíceis, como o desenvolvimento de novas ideias. Como foi visto na introdução, o trabalho feito por Berry (1995) ilustra esse desacordo, entre o que deveria e o que pode fazer, estimando o tempo médio de trabalho de um pesquisador em gestão do centro de pesquisa em gestão (CRG). A pesquisa mostrou a necessidade de 9 a 12 dias na semana de

um pesquisador ideal, pela descrição do emprego de seu tempo nas diferentes etapas de sua carreira. E, como afirma o autor, os pesquisadores desse centro não são os únicos a terem problemas dessa ordem, inclusive lembra que alguns pesquisadores chegam a dispensar o ensino. É necessário, então, renunciar ou consagrar menos tempo a algumas das seguintes atividades: ler, escrever, trabalhar coletivamente, ensinar, administrar ou relacionar-se com sua família. Destaca-se que cada pesquisador, em função do seu tempo de carreira, aptidões e envolvimento com o campo científico, terá uma escolha, pela renúncia a alguma atividade, diferente. Algumas atividades, ainda, são mais difíceis de serem renunciadas, como as entrevistas, as reuniões, e se houver uma pressão acadêmica por produção científica deverá adotar estratégias diferentes daqueles que possuem uma carga de ensino pesada.

Michel Berry (1995) ainda apresenta, baseado na lógica de arbitragens quotidianas de empresas elaborada por Delpuech e Lauvergeon (1986), três esferas distintas nas atividades de um pesquisador no CRG:

a) a esfera das obrigações: as aulas em horários fixos, reuniões das instituições que faz parte. Essas obrigações se acumulam à medida que progride na carreira; b) a esfera das solicitações: os encontros de campo, propostas de colaboração ou de intervenção, demandas internas e externas (bancas, avaliação de trabalhos, comissões de avaliação de trabalhos); c) a esfera criativa: participação em seminários ou colóquios, discussão, elaborações de trabalhos e pesquisas.

Para que as atividades da esfera criativa não sejam consumidas, Berry ressalta que o pesquisador marca datas e desenvolve rituais próprios para fazer entrar a criatividade na agenda. São as datas que concentram a mente e determinam as prioridades, as quais devem ser terminadas em tempo.

Dortier (2005) enquadra o pesquisador dentro dos trabalhadores intelectuais, trabalhadores do saber, e afirma que neste tipo de trabalho, mesmo sendo assalariado, o trabalhador gere seu trabalho de maneira relativamente independente. O autor destaca uma das características determinantes deste tipo de trabalho, sendo essencialmente de natureza intelectual, o trabalho não o deixa ao sair do escritório, está sempre ligado à internet, ao telefone e às revistas e publicações referentes ao seu trabalho.

Leclerc (2005) mostra que os intelectuais contemporâneos são um “produto” da universidade e, após anumerar uma série de atividades e lugares que frequenta o intelectual contemporâneo, constata que o intelectual isolado não existe. Ele pertence conscientemente a uma

coletividade de pares, no qual são importantes a comunicação entre colegas, a notoriedade e a visibilidade. Além dos títulos, Leclerc (2005) elenca quatro dimensões de prestígio aos universitários: a) prestígio da instituição; b) produzir uma obra reconhecida e ter periodicidade de produção, sobretudo, em artigos científicos próprios para aumentar sua reputação como pesquisador; c) editar e avaliar, controlar e gerir a produção dos pares; d) dirigir um laboratório. Portanto, o prestígio dos pesquisadores não se julga simplesmente pelo seu título, mas para Leclerc (2005), existem pelo menos essas quatro dimensões.

Em se tratando das atividades no campo científico, o trabalho de pesquisa não se reduz a experimentar, comparar e simular para testar hipóteses. Para Dortier (2001), a vida de pesquisador não se resume ao trabalho de laboratório ou de “campo”, como se diz nas ciências sociais. Ser pesquisador é participar de colóquios, é também publicar e, às vezes, ensinar. Passar muito tempo assim na organização material da pesquisa. A publicação é, com os colóquios e os seminários, um meio de ver o reconhecimento de pesquisas e seus resultados. Entra aqui o famoso dilema do pesquisador, “publish ou perish” (DORTIER, 2001).

Louvel (2005) destaca cinco dimensões do mundo dos pesquisadores que podem auxiliar a ilustrar seu trabalho e sua legitimação: 1) Mobilizar o mundo; 2) Criar colegas; 3) Aliar-se a autores que se interessem pelas duas operações precedentes (a escola, o Estado, a indústria.); 4) Evidenciar a atividade científica pelas relações públicas, pela confiança, pela ideologia; 5) O quinto horizonte designa o conteúdo da atividade científica, ele só existe graças aos quatro primeiros: a força das idéias e dos conceitos científicos que leva à transformação dos outros horizontes.

Reforçando o que já foi destacado, Charle (1998) ressalta o aspecto do interesse, das relações de poder, que dificultam a difusão dos conhecimentos. Afirma o autor que à medida que se institucionalizam os lugares de formação, de transmissão e de difusão de idéias, a concorrência entre grupos de intelectuais transformou-se numa luta pelo poder e pela legitimidade.

Audet (1986) identifica os grupos de atores-chave no campo da produção científica em administração: os professores e pesquisadores universitários, os consultores organizacionais e os gestores profissionais. Estes últimos são também considerados por Audet como produtores de conhecimento; a relação conhecimento/ação que os caracteriza é o de um movimento circular deslançado por ações concretas e que desemboca em outras ações concretas após o conhecimento do objeto.

Desse modo, no próximo capítulo será abordado o campo da administração no Brasil.

Finalmente, Louvel (2005), questiona o porquê da escolha da profissão, tendo em vista que a remuneração salarial na produção de conhecimentos é geralmente inferior à ligada a outras atividades, com um nível de escolaridade e competências semelhantes. No entanto, afirma que a retribuição simbólica, atribuída pelos pares, explica o motor da profissão e compensa as outras questões.

O trabalho de Wood Jr. (2011) trata do sentido do trabalho do cientista no campo da administração no Brasil, utilizando a argumentação da professora da HEC de Montreal, Estelle Morin. São seis pontos sobre o trabalho: i) é intrinsecamente satisfatório – desenvolve competências, traz atualização e realização, envolve criatividade e autonomia – e para o autor os pesquisadores da área são privilegiados; ii) fonte de experiências satisfatórias – Wood considera, quanto às relações, que o pesquisador envolve-se com o extrato social de grande vigor intelectual; iii) garante autonomia, independência financeira e segurança – o autor considera que apesar de não ser o profissional mais bem pago, mas na condição geral do país, os rendimentos são dignos; iv) mantém ocupado e ajuda a estruturar o dia a dia – “somos donos do nosso relógio” e ainda acrescenta que o *modus operandi* e os horários de trabalho causam inveja aos profissionais de empresas; v) moralmente aceitável, traz contribuição social – sob este aspecto o autor demonstra certo desconforto, principalmente quanto à contribuição social; vi) é realizado de forma eficiente e leva a um resultado, tem utilidade – neste ponto traz a mesma indagação da questão anterior. Ao analisar estas questões, como um todo, o autor considerou que o comportamento demonstra-se excessivamente auto-centrado, já que aos quatro primeiros pontos foram bem equacionadas, mas quanto ao impacto e ao resultado do trabalho, fica-se em dúvida.

Wood (2011), complementarmente às discussões anteriores, aborda as questões de referência quanto à publicação: porque, para quem, como, onde. Finalmente acrescenta que a publicação não deve ser vista como um fim em si mesmo, mas um meio para atingir um fim, a utilização do conhecimento no desenvolvimento da teoria ou da prática administrativa.

Aprofundando sobre o campo de atuação desse ator no Brasil, o capítulo seguinte trata do campo, contextualiza o início e o desenvolvimento da ciência da administração no país e traz algumas discussões de autores nacionais sobre esse campo.

2.2.4 O campo da administração no Brasil

As iniciativas mais relevantes para o desenvolvimento e treinamento em administração no Brasil tiveram origem no âmbito do governo federal a partir de 1938 com a criação do Departamento Administrativo do Serviço Público na capital federal (WARLICH apud VELLOSO *et al*, 2002). As primeiras escolas de administração brasileiras surgiram como consequência da política desenvolvimentista adotada a partir dos governos de Getúlio Vargas (SERVA, 1990). Quanto à graduação em administração, iniciou-se em 1954, voltado à administração pública, na Escola Brasileira de Administração Pública (EBAPE) Fundação Getúlio Vargas (FGV). Dois anos mais tarde, criou-se o primeiro curso de administração de empresas no país pela mesma fundação, Escola de Administração de Empresas de São Paulo (EAESP). Essa necessidade apresentou-se num momento em que o modelo de desenvolvimento necessitava pessoal qualificado para gerir eficazmente os recursos públicos e os empreendimentos privados.

A origem dessas escolas ilustra muito bem o processo de institucionalização do campo: tal processo é marcado pela importação dos conhecimentos científicos que seriam reproduzidos e difundidos no país. Através de acordos e convênios com universidades americanas, com destaque à Michigan State University e à University of Southern Califórnia, foram implantados os cursos, com currículos elaborados por professores americanos, que tiveram papel determinante nos métodos e técnicas de ensino, instalando as bibliotecas com seus respectivos acervos importados (SERVA, 1992). Nessa época, a formação dos professores merece destaque. Após selecionados, das áreas correlatas como direito, economia, contabilidade, engenharia, os profissionais recebiam treinamento prévio no Brasil e depois eram enviados aos EUA, como bolsistas, para realizar o mestrado em administração.

O início da pós-graduação também esteve vinculado à fundação. A partir de 1961, a EAESP iniciou o curso de pós-graduação *lato sensu*, e o início dos cursos de pós-graduação *stricto sensu* ocorreu após regulamentação dos mestrados e doutorados no país que se deu em 1965 (VELLOSO *et al*, 2002). “O primeiro mestrado data de 1967 e foi oferecido na área de Administração Pública, pela escola do Rio de Janeiro. Em 1970, foram criados os mestrados em Controladoria e Contabilidade na USP e, em 1972, o de Administração de Empresas na PUC-RJ” (VELLOSO *et al*, 2002). Já no nível de doutorado, apenas em 1975 instituiu-se o curso pela Faculdade de Economia e Administração

da USP (FEA/USP), seguidos pela criação dos cursos pela Escola de Administração de Empresas de São Paulo (EAESP) e EBAPE com o primeiro doutorado em Administração Pública.

Nas últimas décadas, dois atores institucionais têm exercido papel essencial no campo científico da administração no Brasil: a CAPES e a ANPAD. A Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (atual CAPES) foi criada em 11 de julho de 1951, pelo Decreto nº 29.741, com o objetivo de "assegurar a existência de pessoal especializado em quantidade e qualidade suficientes para atender às necessidades dos empreendimentos públicos e privados que visam ao desenvolvimento do país".

A partir de 1966, com os planos de desenvolvimento, no plano educacional, tem-se a reforma universitária, a reforma do ensino fundamental e a consolidação do regulamento da pós-graduação. Com a reformulação das políticas setoriais, com destaque para a política de ensino superior e a de ciência e tecnologia, a CAPES ganha novas atribuições e meios orçamentários para ampliar suas ações e contribuir para a qualificação do corpo docente das universidades brasileiras. A entidade é reconhecida como órgão responsável pela elaboração do Plano Nacional de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, em 1981, pelo Decreto nº 86.791.

Outro ator institucional foi decisivo para a implementação das políticas públicas elaboradas pela CAPES, particularmente no campo científico da administração: a Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD). Criada em 1976, a partir da iniciativa dos oito programas de pós-graduação existentes no Brasil até então, a ANPAD é hoje o principal espaço formal de interação entre programas associados, grupos de pesquisa da área e seus atores. O crescimento considerável de cursos de pós-graduação ofertados fez com que a ANPAD reunisse, em 30 anos, 60 programas associados em uma comunidade acadêmica que representa institucionalmente a pós-graduação em administração no Brasil.

Serva (1990) destaca que as escolas de administração estacionaram e continuaram, por muitos anos, com os currículos e objetivos da década de 50, de implantação, não atentando para a realidade nacional.

Nos últimos anos, esse "subcampo" teve um crescimento extraordinário. Dos oito cursos de pós-graduação *stricto sensu* em 1976, constatou-se em 2009 a marca de 97 cursos recomendados pela CAPES. Destaca-se nesse ponto, também, a evidente diferenciação na política de recursos humanos, a saber, as mudanças nas exigências aos professores,

principalmente a titulação e a produção/publicação científica, nos últimos anos. Essas transformações aceleradas geraram uma diversidade de situações profissionais e de condições de trabalho consideráveis e extremamente desafiantes para os atores do campo. Enquanto nas primeiras gerações de professores valorizava-se a experiência prática, passou-se a valorizar mais a experiência como pesquisador, os acadêmicos, evidenciado principalmente nos concursos públicos para professores.

Uma pesquisa sobre a pós-graduação no Brasil, publicada pela CAPES (VELLOSO, 2002), contém um capítulo sobre os destinos profissionais de mestres e doutores em Administração (VELLOSO *et al*, 2002). Neste capítulo, apresentam-se algumas informações interessantes para contextualizar a questão da pós-graduação em administração no Brasil.

É interessante perceber que a formação acadêmica dos mestres é diversificada, sendo a maioria proveniente de outras áreas de base, na graduação. A pesquisa apresenta, ainda, outros dados interessantes sobre os mestres: predominância do sexo masculino; ingressaram no mestrado, em média, sete anos após a conclusão da graduação; 84% já trabalhavam a maioria em empresas, principalmente privadas, uma parcela menor na administração pública e somente 15% em instituições de ensino superior; poucos tinham envolvimento com atividades de pesquisa; a motivação principal era o aumento de competitividade no mercado de trabalho e intenções outras, como a futura docência no ensino superior e a carreira de pesquisador eram menos importantes ou bem menos (VELLOSO *et al*, 2002).

A pesquisa apresenta, também, que dentre os doutores 81% informaram que a decisão de cursar um doutorado foi influenciada pelo desejo de seguir ou ascender na carreira docente. Já para os mestres apenas metade foi influenciada por esse objetivo, e 70% indicaram que a influência consistia no aumento da competitividade que o curso proporcionaria.

Outra notável e esperada distinção entre doutores e mestres refere-se à importância da carreira de pesquisador como motivo para fazer o curso. Enquanto bem mais da metade dos doutores atribuiu grande relevância a esse aspecto, apenas 30% dos mestres o fez (VELLOSO *et al*, 2002, p.75)

Portanto, constatou-se que a carreira acadêmica e de pesquisador é característica predominante do curso de doutorado. No curso de mestrado, proporcionalmente este desejo pela pesquisa é menor e o objetivo é mais voltado para a competitividade no mercado de trabalho, para a empregabilidade.

Quanto aos salários, a pesquisa apresenta que as empresas pagam melhor que o ensino superior, tanto para mestres quanto para doutores, nas seguintes proporções 50% e 30% a mais, respectivamente.

Ampliando as peculiaridades desse campo da ciência, em 2005, foi criada pelo MEC a UAB – Universidade Aberta do Brasil, um programa que visa expandir a educação a distância no país. Recentemente, foi instituída no âmbito da CAPES a Diretoria de Educação a Distância, a qual em parceria com a Secretaria de Educação a Distância do MEC gerencia o programa UAB, que conta com o curso de administração entre os oferecidos.

Quanto às categorias de atores-chave no campo da administração, identificadas por Audet (1986), na primeira categoria, professor, verificam-se pelo menos duas configurações gerais de atuação profissional. De forma geral, na antiga configuração, inicial no campo da administração brasileira, encontrasse o professor que não é necessariamente um pesquisador, mas que tem uma razoável experiência prática, não publica com intensidade e atua prioritariamente no nível de graduação (aulas e tarefas administrativas) e na pós-graduação lato sensu. Já na segunda configuração, professor-pesquisador, identifica-se o professor inserido num programa de pós-graduação stricto sensu, que realiza pesquisas científicas e publica intensamente.

As políticas para o ensino superior na segunda metade da década, estabelecendo novos e desejáveis requisitos para credenciar universidades, reconhecer cursos periodicamente, avaliar condições de oferta de cursos e medir o desempenho de formandos - por meio do provão -, além de conter a expansão de vagas nas instituições federais, têm produzido efeitos sobre a demanda de mestres em Administração. Entre os que se formaram em anos mais recentes, tem sido crescente a parcela dos recrutados pelo ensino superior privado, principalmente por universidades - e não por faculdades e centros universitários. Além disso, o trabalho em regime de dedicação exclusiva ou de tempo integral vem

caindo nas universidades públicas, talvez em virtude da contratação de professores substitutos em tempo parcial, como reflexo da contenção de vagas nas federais. Em contrapartida, nas instituições privadas, especialmente nas universitárias, o regime de tempo parcial ou o de horas/aula vem aumentando como estratégia para responder à exigências legais de melhoria da titulação do corpo docente.(VELLOSO *et al*, 2002, p.95)

A nova configuração, com suas exigências, ritmo de trabalho, formas específicas de reconhecimento, de avaliação (notadamente marcada pelo controle externo da CAPES) e de legitimação se distingue da antiga configuração profissional do professor enquanto ator do campo científico.

Mattos (2008), em sua pensata traz a questão da pressão institucional por publicação. Inicia tratando do processo de avaliação da Capes.

Quem acompanhou de perto esse processo nos últimos dez anos, desde que foi feita a mudança decisiva na sistemática de relatórios e mapas, que inclui, no último triênio, grande avanço da informatização, sabe o que não aparece sob os atuais resultados – o que de fato significam na vida dos programas e na agenda de trabalho de cada pesquisador. À flor da pele, está a pressão institucional por publicação (...) as aulas e orientação de alunos não valem nada na pontuação feita pelo Sistema Capes (p.144)

O autor constata ainda que o sistema atual de avaliação acadêmica da Capes “não tem como diferenciar a produção criativa da produção em escala, e receia-se que, por isso, acabe por dar guarida à segunda” (MATTOS, 2008, p.149). E a pós-graduação arrastada pela demanda de professor para atender à graduação, ao fornecer professor, aliadas ao processo de avaliação dos programas que privilegia a publicação, com os riscos descritos acima, traz uma lógica de produção preocupante. “Desvirtua-se a produção em equipe para multiplicar os créditos individuais de pontuação de cada um dos quatro ou mais autores (que, não raro, trocam amabilidades com a atribuição recíproca de autoria)” (MATTOS, 2008, p.149).

Thomaz Wood Jr, em um informativo da ANPAD de 2005, traz algumas evidências sobre a qualidade da produção em administração, tendo como base sua experiência como editor de uma das revistas mais importantes na área no Brasil, a Revista de Administração de Empresas (RAE) da Fundação Getúlio Vargas. Wood (2011), sobre a visão pessimista sobre a produção acadêmica, traz as seguintes evidências: i) apesar das 350 submissões anuais, completar uma pauta trimestralmente, com sete ou oito artigos, é uma tarefa árdua; ii) dificuldade em dar continuidade a fóruns temáticos, pela falta de artigos em condições de qualidade para completar as seções especiais; iii) apesar da apuração quanto aos avaliadores e aperfeiçoamento do processo de avaliação *blind review*, “muitos artigos eram publicados sem condições para publicação, condições mínimas, apresentando os problemas quanto à teoria, à metodologia, à contribuição científica, limitadas. Para o autor, a produção nacional está a grande distância da produção dos centros de referências, em especial quanto à consistência e ao rigor, considerando, também, o período de crise da academia internacional.

Serva (1990) já destacava a esperança de renovação pela pós-graduação, para que com a pesquisa produza bons frutos que possam ser incorporados, também, nos cursos de graduação, para o desenvolvimento da ciência da administração.

3 METODOLOGIA

Castro (1978, p. 118) enfatiza que “em cada caso há que se decidir que método ou combinação de métodos será mais adequado”, tendo em vista os objetivos propostos. Para traçar os caminhos para o desenvolvimento e a produção científica, este capítulo apresentará as proposições para alcançar os objetivos estabelecidos a partir dos seguintes tópicos: delineamento da pesquisa; universo da pesquisa; técnica de coleta e análise de dados.

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Esta pesquisa terá uma abordagem predominantemente **qualitativa**, caráter **descritivo-interpretativo**.

É considerada predominantemente qualitativa já que procura descrever e compreender um fenômeno e não quantificá-lo, portanto não faz parte da pergunta de pesquisa “quanto”.

Os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos (RICHARDSON, 1985, p.39).

Esta pesquisa é considerada descritivo-interpretativa já que além de descrever a realidade analisada, procura-se interpretar as informações levantadas. O estudo descritivo tem como foco conhecer determinada realidade, eles exigem uma série de informações sobre o que se deseja pesquisa, descrevendo os fatos com exatidão (TRIVIÑOS, 1987). Assim, enquadra-se também como descritivo-interpretativo ao procurar descrever determinada realidade – neste caso o conteúdo do trabalho do professor-pesquisador.

3.2 UNIVERSO DA PESQUISA

O universo desta pesquisa são os professores de cursos de pós-graduação *stricto sensu* em Administração de universidades públicas. A população, ou seja, o total de professores credenciados aos dois programas de pós-graduação pesquisados, somam 37 professores.

Foram entrevistados 6 professores-pesquisadores. Quanto à escolha dos entrevistados, além da disponibilidade para conceder as entrevistas, procurou-se diversificar os profissionais entrevistados qualitativamente: quanto ao tempo de serviço, quanto aos cargos e funções desempenhadas e quanto à coordenação e participação ou não de grupos de pesquisa. Optou-se por não divulgar os nomes das universidades e dos programas, com o objetivo de manter sigilo quanto aos entrevistados, mantendo-os anônimos.

3.3 COLETA DE DADOS

A coleta dos dados primários foi desenvolvida através de entrevistas semiestruturadas e em profundidade com professores-pesquisadores de administração das duas universidades. A entrevista semiestruturada está disponível no Apêndice A, lembrando que foram as questões que guiaram as entrevistas, mas nem todas as questões foram utilizadas, dependendo da trajetória dos entrevistados, por exemplo, e outras questões foram acrescentadas ao longo das entrevistas, conforme surgiam questionamentos que interessassem a essa pesquisa.

Para a coleta dos dados foram utilizadas como norteadoras quatro categorias de análise, geradas a partir dos objetivos e da fundamentação teórica. As categorias e os elementos constitutivos de cada uma delas são apresentados no Quadro 1.

Conteúdo do trabalho: categoria gerada a partir do objetivo geral e quanto à fundamentação teórica, relacionada ao capítulo sobre o campo científico e sobre o pesquisador, ator desse campo.

Objetivos profissionais: relacionado ao objetivo específico 2, embasado teoricamente no capital científico em Bourdieu, com extensão às dimensões de prestígio elaboradas por Leclerc (2005) e às dimensões de Louvel (2005).

Cotidiano: relacionado ao objetivo específico 3, à construção da agenda do professor-pesquisador. Baseado em Berry (1995),

principalmente, ao desenvolver a agenda do pesquisador em um centro de gestão na França, e relacionado, também, com o capítulo do pesquisador.

Relação trabalho e vida pessoal: relacionado ao objetivo específico 3, quanto aos impactos da agenda do professor-pesquisador, relacionado ao trabalho de Dortier (2005).

Categorias de análise	Elementos Constitutivos
Conteúdo do trabalho	Trajetória
	Cargos e funções
	Projetos
Objetivos profissionais	Início da carreira
	Atuais
Cotidiano	Rotina
	Distribuição do tempo
	Agenda
Relação trabalho e vida pessoal	Divisão dos espaços

Quadro 1: Categorias de Análise

Fonte: elaborado pelo autor.

3.4 ANÁLISE DE DADOS

Além da análise de dados, guiada pelas categorias de análise, utilizou-se também o software NVivo 9, para pesquisa qualitativa, software da *QSR International*. No NVivo, inseriu-se as transcrições das entrevistas para o programa, *sources*, e posteriormente classificou-se os *nodes*¹, de acordo com os elementos constitutivos das categorias descritas acima. Posteriormente, criou-se alguns *queries*, com a ferramenta de *word frequency* e, assim criou-se as *Tag Clouds*.

¹ *Nodes* significam os nós, os quais representam “categorias ou conceitos e servem para armazenar a codificação do material analisado. Códigos são índices de referência adicionados a porções de texto, pedaços de fotos ou trechos de sons e imagens. A codificação consiste em localizar passagens no material empírico e a elas atribuir os significados correspondentes às categorias (nós) com os quais estamos trabalhando” (TEIXEIRA, 2010).

4 ANÁLISE DOS DADOS

Esta seção apresenta os dados coletados de acordo com as categorias de análise expostas anteriormente. Este capítulo está dividido em grandes tópicos: i) conteúdo do trabalho; ii) objetivos profissionais; iii) cotidiano; e iii) relação trabalho e vida pessoal, em conformidade com as categorias de análise.

4.1 CONTEÚDO DO TRABALHO

Apresentaremos brevemente as trajetórias profissionais dos entrevistados e posteriormente trataremos das convergências e os caminhos comuns trilhados por estes professores-pesquisadores. Destaca-se que para proteger a identidade dos entrevistados, as informações não serão expostas de maneira detalhada e aprofundada, serão tratadas apenas das questões principais da carreira que são inerentes à pesquisa.

4.1.1 Trajetórias

Dentre os professores entrevistados (6), quatro possuíam graduação em administração, sendo que um deles cursou outra graduação simultaneamente e outro já havia concluído outra formação. Os outros dois entrevistados possuíam graduação em outras áreas, um deles em comunicação social outro em engenharia. Apenas um deles tem toda a formação em administração, sendo que os outros tiveram formação e titulação em outras áreas, como engenharia de produção, por exemplo. Um dos entrevistados tem a formação toda em outras áreas, fora do domínio da administração.

Alguns trabalharam em empresas antes de optar pela carreira acadêmica (4) e apenas um deles seguiu, logo após a conclusão da graduação, para o mestrado. A maioria já trabalhou em mais de uma universidade, como professor. Dois começaram a lecionar em outras áreas antes de optarem pela carreira de professor-pesquisador em administração, um deles iniciou o mestrado depois de lecionar em uma universidade para turmas de administração, outro começou a dar aulas

durante o mestrado e os outros dois apenas depois de cursar o mestrado, sendo estas experiências iniciais geralmente em universidades particulares.

4.1.2 Cargos e funções

Quanto aos cargos e funções atuais, um dos entrevistados está aposentado, dois são coordenadores de cursos de pós-graduação *strictu sensu*, pró-reitores de pesquisa e quatro participam de grupos de pesquisa em suas instituições, sendo dois deles coordenadores de grupos de pesquisa de que participam. Aqui se retoma o conceito de capital científico temporal, importante para estes profissionais, tendo em vista que, dos entrevistados, apenas dois ainda não assumiram cargos de chefia nas instituições. Além dessas funções na instituição, alguns são coordenadores de divisão da ANPAD, outros já estiveram nesse cargo, além de serem todos avaliadores de vários periódicos. Portanto, são avaliadores de seus pares, da mesma forma que são “clientes” deles, como foi enfatizado por Bourdieu (1994; 2004b) e Dortier (2001) na seção que tratava do campo.

4.1.3 O que é ser professor pesquisador?

Quando questionados a respeito do que é ser professor-pesquisador, as respostas foram as mais variadas. Para o Entrevistado 1 é ter muito amor à profissão. “É fundamentalmente amar a pesquisa e o ensino, e no meu caso principalmente a pesquisa. É uma vida de muita dedicação”. O entrevistado 3, afirma, também, que quem está envolvido nessa atividade é totalmente apaixonado e dedicado pelo que faz, “são pessoas que veem o papel do conhecimento que está sendo gerado”.

Percebe-se que as palavras mais frequentes nas respostas dos professores quanto a esta questão, utilizando o NVivo 9, foram as relacionadas a pesquisa, ao pesquisador. Nesta seção, tratando-se qualitativamente as entrevistas, serão vistas algumas particularidades.

4.1.3.1 Aspectos institucionais e atuação profissional no Brasil

O entrevistado 5 afirma que ser pesquisador “é ser teimoso”. Isso porque o incentivo é pequeno, apesar de já ter sido menor, praticamente nada, mas ainda está “muito aquém das necessidades para o que se quer no país: uma pós-graduação de alto-nível”. E o entrevistado aponta duas dificuldades principais: o apoio insuficiente e o “sistema institucional joga contra você”. Quanto à primeira dificuldade o entrevistado apresenta os seguintes problemas: apoio institucional e financeiro supramenos de 50% das necessidades de pesquisa; 80% do apoio à pesquisa é de curto-prazo o que “não fortalece pesquisador nenhum”; e o sistema de projeto de pesquisa não remunera o pesquisador, tendo o pesquisador que concorrer a uma bolsa num segundo edital do CNPq para receber remuneração, por exemplo. Já quanto à segunda dificuldade, o pesquisador afirma que “você não tem o apoio devido, você é exigido a cumprir oitocentas tarefas e a pesquisa não existe na prática”. E na visão do entrevistado 2 ser pesquisador é “enfrentar esse mar da burocracia aqui que não é fácil, a gente sempre está respondendo à burocracia”.

O entrevistado 2 apresenta algumas etapas seguidas até que se torne professor-pesquisador: primeiro é ser “chão de aula”, antes de tudo “é um auleiro”, e depois aos poucos conhece a instituição e se infiltra num programa de pesquisa. Ele ainda diz que “muitas vezes até os alunos das universidades, até professores, tem muita dificuldade de saber o que é fazer pesquisa”. E ainda existem ideias associadas, pré-conceitos, mitos do que é ser pesquisador: “ou é o super intelectual ou é o que não trabalha tanto quanto os outros que estão no ensino” (ENTREVISTADO 3). E de acordo com o entrevistado 3, a administração ainda “é uma área que a atividade de pesquisa é muito incipiente, é uma academia iniciante” e “parâmetros do que é rigor científicos, do que é seriedade, do que é fundamentação teórica, do que a área de administração como ciência social aplicada, eu acho que é muito fraco”, além de expor que o papel do pesquisador “se relaciona muito pouco com o profissional”, estando distantes dos gestores, das organizações que pesquisam.

Neste sentido a afirmação do entrevistado 2 explica um exemplo desse problema do campo de atuação dos professores pesquisadores em administração no Brasil:

O problema que eu vejo na administração a comunidade científica não amadureceu o bastante para uma discussão. Você tem que ser amigo de

todo mundo. Então, ao invés de você numa mesa ter uma discussão calorosa, você tem muito cuidado com o que vai falar, porque a comunidade é pequena, todo mundo se conhece e aí um vai para a CAPES, o outro é importante, ele vai lembrar que você criticou o trabalho dele e fica ressentido, aí pode criar problemas (ENTREVISTADO 2).

Essa preocupação, descrita pelo entrevistado 2, diz respeito a relação que ocorre no campo científico: clientes de seus pares e ao mesmo tempo seus avaliadores.

Para o entrevistado 3, nos últimos anos, “por exigência dos órgãos de avaliação, o pesquisador começou a ser mais valorizado, aí em termos de status, mas não em termos de carreira, de condição de trabalho, é a mesma situação”. No entanto, para o mesmo entrevistado, a sistemática de avaliação deturpou o significado de ser pesquisador e o tornou “um mero produtor de papéis para ganhar pontos, para um sistema de avaliação”. Essa preocupação, destacada por Mattos (2008) e Wood Jr (2001) reflete-se na fala do entrevistado.

4.1.3.2 Carga de trabalho e preconceitos

O entrevistado 3 afirma que ser “pesquisador tem sido um peso, em termos de condições de trabalho. É um peso na nossa instituição. Então o professor tem que ser pesquisador, tem que dar aula, tem que orientar, tem que fazer extensão, isso é uma loucura que a nossa universidade tem”. Nesse sentido, a afirmação do entrevistado 6 mostra uma condição que enfatiza o que tem sido dito quanto à carga de trabalho: “Eu só pude fazer pesquisa depois que saí da universidade”.

Outra questão, diz respeito ao preconceito relacionado ao pesquisador, resgatando os mitos supracitados. Para o entrevistado 3 “tem um preconceito, aqui local, de que pesquisa é para não fazer nada”. E existe um problema associado a isso, que foi destacado pelo entrevistado 2 para ser um bom pesquisador “é preciso do tempo de ócio, o tempo de criatividade e para o brasileiro esse ócio é diversão, sempre está muito ligado ao lúdico o ócio e se você tem ócio você está brincando não está levando a sério. Então as pessoas não levam a sério a pessoa que precisa desse ócio para a pesquisa!”.

4.2 OBJETIVOS PROFISSIONAIS

Nesta categoria de análises pesquisou-se os objetivos profissionais no início da carreira e os objetivos atuais, finalizando com um tópico sobre a realização dos objetivos.

4.2.1 Início da carreira

No início da carreira, para alguns, os objetivos que os levaram a decidir pela carreira acadêmica eram claros, para outros as coisas aconteceram naturalmente. Para o entrevistado 1, por exemplo, o objetivo “era entrar na universidade e seguir uma carreira” de professor e pesquisador, já para o entrevistado 6 as coisas aconteceram naturalmente: “Eu não tinha um projeto de ser professor. Isso veio ao longo da vida”. No entanto, ficou evidente que fazer o que gostava era um objetivo para três entrevistados, sendo, então, fator determinante na escolha da carreira.

Alguns que trabalharam em empresas antes de seguir pela carreira acadêmica (4), foram motivados pela vocação (1), pelas características da profissão que se enquadravam ao perfil (3).

Eu tinha um ótimo salário. Trabalhava numa empresa que todo mundo queria trabalhar, uma empresa pública, federal. (...) Quando optei por sair e encarar a vida acadêmica foi uma felicidade muito grande. Eu sabia o que eu estava deixando pra trás e sabia porque estava fazendo isso: fazer o que eu gosto (ENTREVISTADO 5).

Quanto às características da profissão a que mais se destacou foi continuar estudando. Para o entrevistado 1 “essa coisa de ficar sempre estudando, renovando os conhecimentos e renovando também as pessoas que tu conhece e isso é muito legal, te renova”. No mesmo sentido o entrevistado 3 afirma que a primeira questão era encontrar uma profissão em que fosse possível continuar a estudar. Outra razão apresentada pelo pesquisador foi a possibilidade de influenciar outras pessoas a crescer. “Eu tenho uma profissão que ao meu redor as pessoas

crescem e isso é muito positivo. Então eu creio que são duas questões que com essa profissão eu consigo fazer e isso me agrada muito”.

Outra característica da profissão, que se enquadrava ao objetivo pessoal, foi referente ao desejo de viajar muito, saber andar pelo mundo e de conhecer o mundo. Um dos entrevistados afirmou que quando vislumbrou que isto era possível na carreira, pelas possibilidades de congressos, estudar fora, participar de redes internacionais, por exemplo, e sabendo que como administrador não seria viável já que “o dia-a-dia do administrador prendia muito”, isto teve influência na escolha.

Outro objetivo, levantado pelo Entrevistado 2, era um o objetivo bem claro: contribuir com a sociedade, fazer coisas que pudessem melhorar a vida das pessoas, coisas que fossem úteis. De uma maneira ampla, percebe-se que o papel de influenciar pessoas, defender uma causa, além de gerar conhecimento, característica da profissão, proporcionou que escolhessem a profissão. Defender uma causa, apareceu também na fala do entrevistado 4, o qual buscava defender com mais consistência a causa que defendia, além de ter a influência clara de um orientador, em que viu com clareza a possibilidade de coerência.

Portanto, percebe-se a presença de objetivos pessoais fortes nas escolhas dos professores-pesquisadores entrevistados e ao ver a possibilidade de atingir esses objetivos nessa carreira, característica e interesses pessoais que a profissão proporcionava ou permitia, isto foi decisivo.

4.2.2 Atuais

Quanto aos objetivos atuais, o Quadro 2 apresenta os temas encontrados nas entrevistas com os professores.

OBJETIVOS ATUAIS DOS PROFESSORES-PESQUISADORES
Escrever, produzir (5)
Ser reconhecido (3)
Ajudar pessoas (3)
Qualidade de vida(1)

Quadro 2: Objetivos profissionais atuais

Fonte: elaborado pelo autor com base nas entrevistas.

Quanto ao objetivo mais citado nas entrevistas, relacionados à produção, o entrevistado 5 afirmou que para ele a questão da autorrealização hoje significa construir e divulgar o conhecimento acumulado ao longo do tempo, sistematizar, fazer ligações, dar sentido ao resultado, e o objetivo principal é disponibilizar para as pessoas. “O que eu mais quero hoje em termos de objetivo nessa nova etapa não é expandir, agora é sistematizar e escrever, produzir, mas não é produzir por produzir, para fazer pontos, é gerar conhecimento bom e que valha apenas ter acumulado durante todo esse tempo”. A publicação é um meio de ver reconhecimento pela sua obra, e está extremamente relacionada ao capital simbólico, fazer um nome conhecido e reconhecido.

O reconhecimento pelos pares também foi um objetivo que se repetiu nas falas dos entrevistados. De acordo com o entrevistado 1, “todo professor pesquisador tem o objetivo de ser reconhecido. O reconhecimento, a realização, ver que a pesquisa contribuiu para alguma coisa, para o ensino”. O entrevistado 3, corroborando essa afirmação, disse que um dos seus objetivos atuais é escrever e obter o reconhecimento em seu meio acadêmico como alguém que produziu algo interessante. Este reconhecimento, referente ao capital simbólico, é produto do reconhecimento dos concorrentes.

O entrevistado 3 afirmou, também, que continuar influenciando pessoas é um de seus objetivos e realização, ver as trajetórias de seus alunos. Neste aspecto, o entrevistado 1 afirmou que “uma coisa muito legal é ver os teus alunos crescendo. Ajudar a formar pessoas e se tu tens o gosto pela coisa e consegue passar isso para os alunos mostra uma oportunidade aos alunos”. Para o entrevistado 2, ajudar pessoas é um dos objetivos atuais, contribuir de alguma forma. Neste sentido, ajudar pessoas, envolveu contribuir para a formação de pessoas, influenciar, discutir.

O entrevistado 2 considerou complicado trazer apenas os objetivos profissionais, já que na sua visão os objetivos profissionais se misturam muito com o pessoal. Outro objetivo trazido pelo pesquisador foi se desenvolver em um tema, que considera importante na sua área.

Percebe-se que, ao longo da carreira, os objetivos profissionais do professor-pesquisador vão se alterando. Aos professores com menos tempo de carreira, ficou claro que querem se aprofundar em um tema, querem conseguir seu espaço na instituição de ensino que atuam. Para os que já estão mais estabelecidos é ser reconhecido e para os que já tem mais tempo é sistematizar o conhecimento adquirido. No entanto, escrever e produzir estiveram presentes na maioria das entrevistas, relacionados aos outros objetivos. Destaca-se que apenas um único

entrevistado trouxe a questão da qualidade de vida aliado aos outros objetivos profissionais, e colocou-o em primeiro lugar na sua carreira hoje.

4.2.3 Realização dos objetivos

O entrevistado 6 considera essa questão, realização de objetivos, um pouco difícil, já que “emprego é forma como você vai ganhar a vida. Do ponto de vista da realização pessoal a Universidade é um dos melhores lugares para se trabalhar”, mas mesmo assim é preciso fazer coisas que não se gosta, pela demanda, para o entrevistado: ser coordenador de mestrado, chefe de departamento, “eu fiz, mas não gosto”. O professor justifica: “são coisas que te tiram muito tempo, te incomodam muito, te cria muito desgosto, você se indis põe com algumas pessoas, sem querer você acaba tendo problemas”.

Para o entrevistado 3, a realização dos objetivos “é a melhor parte, é o que a gente tem de bom aqui”. O entrevistado 2, afirma que estar numa profissão “sofrível” sem vê-la como um caminho para a autorrealização não é possível, e ainda afirma que esta é uma profissão que permite você ajudar muitas pessoas, sendo além da realização de objetivos, uma das vantagens da profissão.

Quanto às vantagens, a entrevista 5 trouxe o maior número de informações, condensando os pontos que foram tratados em outras entrevistas, inclusive, mas trazendo outras informações que se relacionam, também, com a questão dos objetivos. Primeiramente, para este professor-pesquisador, quando se opta pela carreira, a questão vocacional é inegável e o objetivo principal é gerar conhecimento. E gerar conhecimento “dá uma sensação, um sentimento de autorrealização grande. Você está criando”.

O entrevistado explica que isso se dá de duas formas, principalmente. A primeira: “as pessoas aproveitam o seu trabalho”. E conforme o tempo passa percebe-se que o trabalho contribuiu para o avanço do conhecimento como um todo, “pouco é verdade, mas sua contribuição está lá e se hoje gente mais jovem que você, por exemplo, e outras pessoas estão tendo a condição de fazer certos bons trabalhos é porque você fez um que eles utilizam como base”. A outra vantagem é a questão do campo, “entre os pares”. E explica da seguinte maneira:

O reconhecimento mútuo, o status, isso vai de alguma forma se encontrar com a auto realização também, você ser reconhecido pelos colegas é algo que é muito agradável. Quem está na profissão com você, reconhece que você gera conhecimento, agrega. Então essa é uma vantagem grande. É o que motiva mais, essa é a verdade. Tem a questão interior e tem a questão social. Quem tem boa formação, trabalha em boas escolas dizem pra você seu trabalho é importante, então você tem um status dentro de um grande sistema de representações sociais. Aqueles que são considerados bons profissionais (ENTREVISTADO 5).

O pesquisador conclui que não é nenhuma vantagem material, no Brasil e “você não tem ganhos materiais”, enfatiza-se, então, a presença do capital científico, mais uma vez, através do reconhecimento pelos pares. Percebe-se, assim, que as questões sociais da profissão, são muito importantes para o professor-pesquisados, pela visão dos entrevistados.

4.3 COTIDIANO

Primeiramente, é importante destacar que o cotidiano dos professores-pesquisadores não é fixo, “eu não tenho uma rotina” (ENTREVISTADO 3). São poucas as atividades com horários fixos e cada agenda é diferente das outras, moldada às funções assumidas na instituição de ensino e às atividades que os profissionais se envolvem. Ressalta-se que lecionar é uma das poucas atividades que demandam um horário fixo na agenda da semana do professor, o horário em sala de aula. Neste tópico serão tratadas das atividades e a rotina dos professores-pesquisadores, a distribuição do tempo para as atividades e as agendas destes profissionais.

4.3.1 As atividades

Para estruturar as atividades que participam da configuração do trabalho do professor pesquisador, percebeu-se a necessidade de dividir

as atividades entre: atividades do professor, atividades do pesquisador e as atividades administrativas e os entraves burocráticos, ainda que esta classificação seja arbitrária, tendo em vista que as atividades são muito interligadas. No entanto para este estudo adotou-se essa divisão, para análise dos dados obtidos. Aqui se faz menção à divisão feita por Berry (1995): a esfera das obrigações, a esfera das solicitações e a esfera criativa e serão tratados dentro da divisão das atividades propostas.

Antes de tratar de cada atividade, é necessário enfatizar que as atividades são as mais variadas, e nesta pesquisa constam dados informados pelos pesquisadores, portanto estas informações vão além do que está nos planos de trabalho ou plano de atividades de cada professor junto à instituição, e tratam das atividades que estão envolvidos. O entrevistado 5, por exemplo, comentou sobre as demandas formais e informais e isso acrescenta ao trabalho uma visão mais real das atividades que os profissionais de ensino superior, especialmente associados a programas de pós-graduação e pesquisadores.

As palavras mais frequentes, a partir do NVivo 9, nas questões que tratavam das atividades dos pesquisadores foram as seguintes: professor, pesquisa e pesquisador, atividade, tempo, núcleo. Com os desmembramentos entre as atividades do professor, do pesquisador e as atividades da esfera burocrática, será possível compreender as relações entre as palavras mais frequentes.

4.3.1.1 As atividades do professor

Para os entrevistados, as atividades associadas ao professor são aquelas atividades relacionadas ao ensino: sala de aula, preparar o material para as aulas, elaborar sistemática de avaliação, corrigir as atividades, tanto de graduação quanto pós-graduação, orientar e atender alunos. Portanto, as atividades não se limitam ao horário fixo das aulas, de acordo com o entrevistado 3, por exemplo, afirmou que não consegue ir para a sala de aula sem ter organizado, “eu não consigo pensar num planejamento de semestre inteiro”,

Quanto ao ensino, o bom professor é aquele que está atualizado, domina recursos pedagógicos e facilita a aprendizagem (ENTREVISTADO 5). Para o entrevistado 1 a diferença entre o professor e o professor pesquisador, no aspecto do ensino, consiste em que o professor tomará por base textos de livros e principalmente a

experiência profissional, já o professor pesquisador trará para sala periódicos e conhecimento embasado em pesquisas.

Além dessas, outra atividade que está relacionada ao papel de professor, citada por alguns dos entrevistados, é a atividade de orientação. Isto porque para outros esta atividade foi elencada entre as atividades de pesquisa. Conforme o entrevistado 5, no campo acadêmico esta atividade também é reconhecida como essencial para um bom professor.

Os entrevistados 2 e 4 ainda trouxeram como uma das atividades relacionadas ao papel do professor, as atividades de atendimento aos alunos extraclasse, esclarecimento de dúvidas, orientação para trabalhos e recomendação de textos.

Nestas atividades de ensino percebe-se aproximação à esfera da obrigação, relacionadas ao cargo dentro da instituição e que é cobrado pelos horários fixos. E pode ser visto como uma fonte de prestígio para o profissional, lecionar em determinada instituição que tem uma posição no campo, sendo esta uma das fontes de prestígio elencadas por Leclerc (2005).

4.3.1.2 As atividades do pesquisador

No que diz respeito às atividades de pesquisa, de acordo com o entrevistado 2, o pesquisador lê bastante, compreende aquilo que lê e sistematiza; tem encontros com seu grupo de pesquisa ou pares para discutir pontos de vista, debater questões; e publica os resultados das pesquisas. Sendo assim, além das atividades individuais, leitura, sistematização, há o envolvimento e participação da comunidade científica. Para o entrevistado, “o artigo deveria ser resultado de todo esse trabalho de pesquisa, de dialogar com muita gente e depois você escrever e participar da comunidade científica”. É fundamental a participação na comunidade científica, mas, mais que isso, o entrevistado reforça a necessidade de ter um grupo de pessoas na universidade para “extravasar um pouco das suas ideias e ter um retorno sobre o que você escreve”. Quanto à participação em grupos de pesquisa, o entrevistado 5 afirmou que “o pouco apoio que há, no Brasil, é todo para quem está agrupado e participando de redes. Então ele tem que atuar nesse nível também. Tem que participar de um grupo, núcleo, centro de pesquisa que tenha, não pode ser uma coisa só no papel, que seja atuante”. O Entrevistado 5 enfatizou a necessidade de estudar, que

enquadrou como uma atividade muito especial. Segundo o entrevistado, todo professor tem que estudar em tese, mas o professor-pesquisador tem que estudar mais que o outro. O pesquisador não pode parar de estudar e deve estudar num ritmo semelhante a um mestrando, a um doutorando, para ser um bom pesquisador, ser reconhecido como pesquisador, para gerar conhecimento (ENTREVISTADO 5).

O entrevistado 3 entende que as atividades de pesquisa incluem, também, os grupos de estudo, os seminários e as atividades administrativas do grupos de pesquisa, as orientações, as leituras, a elaboração de artigos, a avaliação de artigos para periódicos e eventos, avaliação de projetos de pesquisa de pares, fazer parte de comitês científicos. Quanto à orientação, optou-se por enquadrar nas atividades do professor, como foi explicado na seção anterior, justamente por ser uma atividade vinculada a figura do professor, no entanto, como percebe-se nas atividades listadas pelo entrevistado, essa classificação foi arbitrária neste estudo, mas não há um limite muito claro dessas atividades no cotidiano.

Outrossim, o entrevistado 5, completa as atividades referentes à pesquisa:

Pesquisa envolve tudo isso, mas tem as questões da pesquisa mesmo, estudar, interagir, buscar o que está sendo feito na área, tem que ter um tempo que nem é leitura, do nada, de refletir sobre aquilo. Ele e os esquemas dele, seus papéis, parar e pensar naquilo que está pesquisando e você dar um balanço do que fez, para onde vai, o que está aprendendo com aquilo.

Então, resumidamente, o pesquisador é aquele que está necessariamente envolvido, participando ou coordenando, de um projeto de pesquisa. As atividades agregadas são: estudar, avaliar tanto periódicos e eventos quanto projetos; organizar ou participar de congressos e eventos científicos; e integrar ou coordenar grupos de pesquisa.

Quando o pesquisador se torna coordenador de um grupo de pesquisa, algumas funções adicionais lhe são atribuídas. O coordenador de um grupo de pesquisa “monta o núcleo e o conduz, então ele é um gestor da pesquisa” (ENTREVISTADO 5). O coordenador, ou líder de grupo, ou centro de pesquisa, planeja os projetos de pesquisa, participa de reuniões para negociar trâmites de projetos de pesquisa e de reuniões

com outras instituições representando o núcleo ou a universidade. Dentre as funções adicionais, o pesquisador, entrevistado 5, citou as seguintes: captação de recursos e gestão de equipes. Quanto à captação de recursos, o pesquisador deve mapear onde estão as fontes de recursos e desenvolver a habilidade de responder aos editais das instituições de fomento e apoio a pesquisa. Na gestão da equipe, as atividades são referentes a comunicação, forma de lidar com pessoas, manter o grupo integrado, já que é um risco dos núcleos desenvolverem pesquisas de maneira individual tendo como coletivo apenas o ambiente físico e “não é porque é pesquisador que vai deixar de enfrentar os problemas que todo grupo produtivo enfrenta: conflitos, mal entendidos, as pessoas têm expectativas ...”. Os desafios destacados são relacionados ao perfil das pessoas que integram um grupo de pesquisa. São pessoas altamente qualificadas, estão nos últimos níveis de estudos e do conhecimento e nas palavras do entrevistado “são intelectuais e são exigentes, são pessoas que não querem ser somente tarefeiros, querem participar das decisões e tem opinião, tem uma visão, estudam”.

Um dos entrevistados comentou que ao longo da carreira, quando o pesquisador passa a se tornar mais conhecido pelo seu trabalho, ele recebe um nível de demanda muito alto, impacto gerado pelo alto capital científico. São demandas pra palestras, muitas vezes viajando, para bancas, para avaliação de revistas.

Você estuda, produz, as pessoas leem o que você produz e você faz um esforço pra isso, pra se tornar conhecido, pra divulgar o que faz, é legal, mas tem a faca de dois gumes, começam as demandas. Pessoas que você nunca viu te mandam mensagem, e-mail, telefonam pedindo ajuda porque estão fazendo trabalho na área, são mestrandos, doutorandos, professores fazendo pesquisa. E também revistas, congressos que te chamam como avaliador, isso é uma coisa terrível. (ENTREVISTADO 5).

Nesse momento, em que a demanda aumenta o pesquisador tem que dizer não a algumas propostas de avaliação para revistas, por exemplo. Para o entrevistado, o pesquisador faz um julgamento próprio, avaliando quais são as revistas mais importantes, as que ele gostaria de publicar, as que atingem um público de uma região, ou um país, um estado, em que tem mais interesse. No caso do Brasil, o entrevistado considera que a maioria pensa nas revistas mais lidas no sul e sudeste,

no eixo central, Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo, e um pouco ao sul, que considera ser o centro da área. “Eu não vou dizer não a uma revista da Getúlio Vargas, da USP, mas se a revista vier do Pará e não for muito conhecida, pertencente a uma instituição que não tenha muita fama, ele pensa, essa eu vou dizer não. Meu prejuízo teórico a dizer não a uma revista, é menor do que numa A”, refere-se a classificação Qualis da Capes. Aqui fica claro uma estratégia para adquirir e maximizar o capital científico, ao optar pelas revistas mais importantes.

Nas instituições pesquisadas, as atividades de pesquisa não devem ultrapassar cinquenta por cento das atividades que constam nos planos de trabalho, oficial.

Nesta categoria, encontram-se as esferas das solicitações, os encontros de campo, demandas internas e externas, quanto às bancas, à avaliação para periódicos, às avaliações de projetos de pesquisa e participação de comitês científicos. No entanto, é intrínseca a esta categoria a esfera criativa, a participação de seminários e colóquios, os grupos de discussão, os estudos e a produção.

Relacionando com as dimensões de prestígio aos universitários, elaboradas por Leclerc (2005), percebe-se que na função de pesquisador o profissional se aproxima de três categorias, de acordo com as entrevistas: i) a primeira é relacionada a escrever uma obra e ter periodicidade na produção para aumentar a reputação como pesquisador; ii) a segunda é o papel de edição e avaliação da produção dos pares, como avaliadores de periódicos, editais, comitês científicos; iii) além dessas, alguns partem para a direção de laboratórios, núcleos de pesquisa, que são para o autor outra fonte de prestígio. A publicação é um meio de ver o reconhecimento dos pares quanto às suas pesquisas.

4.3.1.3 Os entraves burocráticos

As atividades anteriores, na visão dos entrevistados são as principais, mas agregadas estão as atividades burocráticas, as quais um dos entrevistados chamou de “penduricalhos”. São atividades rotineiras e que para o pesquisador, entrevistado 5, roubam um tempo muito grande. São as tarefas mais de ordem administrativa, a burocracia do campo acadêmico, do ensino. Envolvem a participação em comissões de todo o tamanho, participar de reuniões, relatório de progressão, parecer de processos, e são ainda maiores quando se está em atividades de coordenação, chefias de setor (ENTREVISTADO 3, 5). Nestas reuniões

estão sendo liberadas ações que influenciam diretamente o trabalho do professor e “por isso, tem que estar sempre muito informado, estar em alerta das coisas” (ENTREVISTADO 2).

Segundo o entrevistado 5, principalmente num cargo burocrático, a quantidade e a variedade de pessoas que procura o professor-pesquisador é enorme. Tem os alunos que estão no programa e tem dúvidas ou querem tratar de assuntos burocráticos, bolsas, por exemplo, e os que querem estar, esclarecer dúvidas de processo seletivo. Além disso, “tem as demandas informais e se você estiver num cargo vai enfrentar: resolução de problemas que se dá na negociação”.

Como coordenador de um programa de pós-graduação, as atividades passam pela autorização de um curso, reconhecimento e a atualização desse reconhecimento, toda a parte do processo de seleção, todos os assuntos institucionais referentes à pós-graduação. De uma forma geral, o entrevistado 1 explica que envolve “toda parte de regulamentação da CAPES, reconhecimento nos conselhos, relatórios da CAPES, atender aluno, atender professor. De dezembro do ano anterior até abril do ano subsequente é complicadíssimo, tem que pensar no processo de seleção, preencher o coleta, mas são épocas. Fora isso é um documento ou outro, acompanhar, não te toma o dia todo”. O atendimento, atividade citada pelo entrevistado 5 referente as atribuições de coordenadores, são atividades que para ele não tem como escapar.

O entrevistado 5 finalizou acrescentando algumas outras atividades burocráticas: responder a documento e as reuniões informais. Quanto aos documentos, constatou que a burocracia envia, geralmente com prazos apertados e “tem que responder para o dia seguinte, precisa levantar dados, refletir, conversar com outras pessoas, mas a máquina não quer saber e principalmente se é uma coisa do seu interesse da sua área, se você não fizer amanhã, você perde, aí o que vai fazer? Não pode deixar de fazer porque perde, você deixa tudo de lado e vai fazer aquilo”. Em se tratando das reuniões informais, citou como exemplo as reuniões para negociação, já que não são formais mas envolvem de maneira direta o trabalho do pesquisador, mas também o trabalho do coordenador.

Quanto às atividades “burocráticas” percebe-se a mistura das esferas das obrigações, quanto às reuniões das instituições aos quais pertencem, e das solicitações, quanto às demandas externas, principalmente nos cargos de coordenação. Os cargos, são lembrados por Leclerc (2005) como uma fonte de prestígio também, um prestígio da instituição, o que Bourdieu (2004a) vai chamar de poder temporal ou político.

4.3.2 Distribuição do tempo

Com base nas agendas descritas pelos entrevistados, destacando-se que não é uma agenda precisa, e sim é uma estimativa de uma semana normal de trabalho de um professor pesquisador, criou-se uma tabela que traz as atividades mais listadas e uma agenda de uma semana média de professores-pesquisadores. Procurou-se estimar uma agenda normal de trabalho, mas o entrevistado 1 traz uma informação interessante: “A maior parte do ano não é normal. Abril teve Coleta Capes e tem ANPAD, tem que fazer artigos. Óbvio que gostaria de ter mais tempo para pesquisa e para orientação. A atividade administrativa consome muito tempo”. Ainda comenta que a distribuição de tempo feita no plano de trabalho da instituição de ensino em que trabalho “é para inglês ver”, já que não condiz com o tempo que dedica a cada uma das atividades e muito disso, porque leva trabalho pra casa.

Percebe-se que a CAPES e a ANPAD, neste campo, são instituições que influenciam as práticas dos atores, exercendo uma força no campo científico em regulamentação, por exemplo. Reforçando o que foi visto na fundamentação teórica, o papel dessas instituições no campo, vê-se aqui a interferência das exigências das instituições no cotidiano dos professores-pesquisadores.

Com base nas agendas semanais de cada professor pesquisador, agendas médias estimadas, portanto não são precisas, tendo em vista a dificuldade em mensurar e precisar algumas atividades.

No Quando 3 apresentam-se as atividades e as médias das horas para a realização das atividades e quanto representa do total. Essa carga de trabalho representa 50,67 horas semanais de trabalho.

Outra informação que se encontrou durante o preenchimento das agendas, foi a presença dos extras. Os extras representam atividades para complementação de salário. De acordo com o entrevistado 5 “como professor ganha muito pouco, a remuneração é ruim em comparação com países em que a ciência é bem desenvolvida, ele, além disso tudo, ele tem que complementar a renda”. Essas atividades não foram listadas nas atividades do professor pesquisador, mas em duas agendas elas foram encontradas. Os extras, como chamaram os professores, são os cursos de especialização, os contratos de consultoria, as apostilas elaboradas para EAD, palestras, enfim, são ganhos extras para complementar o salário dos professores. Uma dos entrevistados afirmou que “ano passado eu não aceitei nenhuma dessas atividades, mas daí o

que a gente nota acaba faltando dinheiro (...) Não consegui pagar tudo que eu tenho pra pagar”.

ATIVIDADES	HORAS/SEMANA	% DO TOTAL
Preparar aula	10,67	21%
Aula na graduação	4,33	9%
Aula na pós-graduação	5,33	11%
Orientação	3,33	7%
E-mail	2,50	5%
Administrativo (reunião, cargos, burocracia)	5,83	15%
Pesquisa	1,33	24%
Avaliação artigos	12,00	4%
Redes	2,00	4%
Extra	2,00	3%
TOTAL	50,67	100%

Quadro 3: Atividades da agenda do professor-pesquisador

Fonte: elaborado pelo autor.

Na visão do entrevistado 2 faltou mais tempo para poder escrever, pensar e dias que não tivessem atividades burocráticas, “dois dias inteiros, por exemplo”. As atividades burocráticas, no quadro criado, estão condensadas, assim como e-mail, no entanto sabe-se que não se dá dessa forma. E o entrevistado 4 comenta que “é muito triste estar num momento criativo e ter que participar de uma reunião burocrática”. Para o entrevistado 3, as atividades que prejudicam a pesquisa são: as atividades extras, “porque é raríssimo o que eu faço nelas que tem algum conteúdo que eu aprenda”, as atividades administrativas, “sem dúvida alguma” e o ensino, também, mas quanto à quantidade de turmas e de alunos nas turmas, que prejudicam o amadurecimento e a reflexão, que a pesquisa exige.

E segundo o entrevistado 5 comenta que se o professor negar atividades para estudar, fazer pesquisa, ainda passa por “preguiçoso”. É preciso ter um cuidado quanto a isso, na visão dele, porque hoje quem produz mais e produz melhor é quem se dedica mais a estudar, interagir no âmbito da pesquisa, quem vai aos bons eventos, mas “se você se deixar moldar, se você acatar tudo que é colocado pra você, você se

torna um professor medíocre, vai estudar muito pouco, vai fazer pouca pesquisa, vai refletir pouco sobre o que está fazendo e vai repetir coisas”.

4.3.3 Agenda

No Quadro 4, transformaram-se os turnos em horas de trabalho e elaborou-se uma agenda média de um professor-pesquisador. A última linha apresenta a quantidade de horas de trabalho realizadas por dia, para que seja possível desempenhar as atividades descritas pelos entrevistados. Ressalta-se que ao lado da descrição da atividade estão as horas necessárias para realizar essa atividade, na média.

DIA	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
ATIVIDADES	PREPARAR AULA (8)	PREP. AULA (2,67)	AULA GRADUAÇÃO	E-MAIL (2,5)	REDES (2) EXTRA (1,33)	PESQUISA (8)	PESQUISA (4)
		AULA PÓS-GRADUAÇÃO (5,33)	ORIENTAÇÃO (3,33)	ADMINIST. (5,83)	COORDEN. (1,33) AVALIAÇÃO (2)		
H/DIA	8,00	8,00	7,66	8,33	6,66	8,00	4,00

Quadro 4: Agenda semanal média do professor-pesquisador

Fonte: elaborado pelo autor.

Sabe-se que uma carga de trabalho de 50 horas de trabalho semanal é elevada para uma semana de trabalho. Esta agenda média mostra que 47% das atividades destes profissionais está relacionada ao ensino, 32% às atividades de pesquisa, 19% às atividades burocráticas e 3% às atividades extras. Outro dado interessante é que das horas despendidas com pesquisa, 47% é desempenhada nos finais de semana, nas agendas dos entrevistados. Portanto, um dos trabalhos mais importantes da profissão é realizado fora do ambiente de trabalho.

Aa atividades referem-se a: preparação de aulas, aulas na graduação e na pós-graduação, orientação, responder aos e-mails, atividades administrativas, participar e interagir nas redes, atividades extras, atividades de coordenação, avaliação de artigos, pesquisa.

Ressalta-se, mais uma vez, que esse quadro, “Agenda Semanal Média”, não representa as agendas dos pesquisadores e foi feita uma

disposição arbitrária. No trecho abaixo, extraído da quinta entrevista, o professor-pesquisador aponta algumas percepções que foram confirmadas nas agendas dos pesquisadores entrevistados.

Grande parte do trabalho que o professor-pesquisador leva pra casa é o estudo. Quando ele deveria, eu acho, estudar dentro das suas horas de trabalho profissional. Ele acaba levando pra casa, no lazer, no fim de semana, nas férias, nas viagens. Então, por quê? Porque a atividade cotidianas, as organizações do mundo acadêmica no Brasil principalmente, não levam isso em conta. Enche o professor de tarefa, principalmente de ensino e se ele disser para o departamento, o centro dentro da universidade que de tal hora a tal hora ele vai estudar, isso não conta, nem existe, nem é computado.. como se estudar não fosse trabalho, e é o principal trabalho do professor pesquisador, de todo o professor, mas principalmente do professor pesquisador. Geralmente deixam para o final de semana. Aí entra em competição com o outro lado da vida. (ENTREVISTADO 5).

“A carga alta de trabalho prejudica tudo” (ENTREVISTADO 3) e o entrevistado 5 apresenta um agravante: “é um tipo de trabalho que não tem espaço físico”, reforçando o que foi visto em Dortier (2005). O pesquisador complementa que “o que se leva pra casa e o que se entra pela noite em geral é a produção própria, é o estudar, criar, o que talvez no pesquisador fosse o mais importante e ele deveria, a meu ver, de segunda a sexta bloquear turnos inteiros pra isso”, corroborando o que foi encontrado nas agendas dos professores-pesquisadores entrevistados. “Difícilmente você encontra alguém que na semana típica que tira um turno para somente estudar, as pessoas estão atendendo, respondendo, interagindo, mas não estão lendo, fazendo sua reflexão. (...) Difícilmente você chega na sala de um professor, individual, e ele está estudando.” (ENTREVISTADO 5).

Na agenda do entrevistado 3, por exemplo, “tem dia que a gente não almoça”, já que o meio-dia tem sido muito utilizado, “principalmente, para essas coisas operacionais: responder e-mail hoje consome pelo menos 1:30-2h por dia”, por exemplo. Após o preenchimento da agenda, o entrevistado 3 constata que a carga que hoje se tem dificulta um contato maior com a realidade profissional que se estuda, ressaltando a alta carga de trabalho. E o aumento de carga de

trabalho, principalmente quanto às atividades burocráticas, fez com que alguns pesquisadores se manifestassem enquadrando as posições de administração na universidade como “incômodas, tanto para o ensino quanto para a pesquisa” (ENTREVISTADO 3). Confirmando a pesquisa de Berry (1995) ao tratar da agenda do pesquisador e mostrar a alta carga de trabalho.

Algumas atividades passam na frente das outras, geralmente as que têm demandas externas. O entrevistado 1 citou que “semana passada, por exemplo, a Pró Reitoria de Pesquisa marcou reunião e foram 3 dias na semana, e nos outros dias tens que dar conta das outras atividades”.

Para o entrevistado 5 primeiramente são as demandas, de acordo com os pesos, da burocracia, depois as demandas externas que tocam o interesse do pesquisador como “avaliar um artigo de uma revista de São Paulo, e isso faz ela passar na frente muitas vezes”, mas ainda existem as demandas intempestivas, “tem atividades que vem com um prazo apertadíssimo e parece que você está numa fábrica”. Para ele, isso muda muito, também, quando se assume cargos de coordenação, porque “o peso das demandas externas e não regulares é imenso”. E na visão do entrevistado “as demandas vão triplicar quanto a uma condição de não cargo, claro que é uma estimativa. E como seu tempo é finito você joga pra fora um monte de coisas e aperta outras. Começa muito mais a responder a outras pessoas do que tocar seus planos de trabalho”.

No que diz respeito às atividades mais importantes, para o entrevistado 1, todas as atividades são importantes, e prazerosas cada uma é sob uma perspectiva. Já o entrevistado 2 afirmou que detesta reunião e não a considera importante, na visão dele as atividades mais importantes: dar aula, “se eu não vier dar aula eu sou demitido”, pesquisa, tempo de leitura. Além dessas, citou ainda o e-mail, como uma dessas atividades, já que na opinião dele é o canal de comunicação, é onde surgem oportunidades de pesquisa. Para o entrevistado 6 é a sala de aula e a pesquisa. Para o entrevistado 5 a sala de aula é inalienável e as atividades mais importantes são estudar, escrever, refletir e as atividades, as ações de pesquisa. Nestas ações, elencou algumas atividades: entrevistar pessoas, coletar documentos, conversar com outras, atividades da pesquisa em si. O entrevistado conclui que “fora a sala de aula, o que é mais importante, em geral esse que é mais importante fica para um horário extra, um local extra”. Nestas atividades, as importantes, foram destacadas as atividades relacionadas ao formal, à esfera das obrigações, e o que fica para o extra, a esfera criativa, as que proporcionam capital simbólico.

Já as mais gratificantes, para o entrevistado 2, são aula no mestrado e as atividades como pesquisador, “em escala primeiro é ler e escrever, a segunda é esse encontro com pessoas, grupos de pesquisa, reuniões de ideias muito ligadas à criatividade e aula do mestrado”. O entrevistado 3 ressalta que o maior prazer encontra-se nas atividades em que sente que está aprendendo. O entrevistado 5 tem como atividades mais gratificantes: estudar, escrever e produzir. Para ele, “estudar pra criar coisas é uma atividade que leva mais tempo, é longa, às vezes tem que se estudar meses a fio para chegar num patamar interessante”. Nestas atividades, aparecem fundamentalmente as atividades da esfera criativa, relacionadas à pesquisa, que proporcionam aprendizado e contribuem para a acumulação de capital científico.

4.4 RELAÇÃO TRABALHO E VIDA PESSOAL

Foi consenso para os entrevistados que não é clara a divisão entre trabalho e vida pessoal. O entrevistado 2 complementou que só fica claro quando se está com muitas tarefas burocráticas, e assim distingue-se com maior facilidade o que é trabalho. Algumas colocações mostraram que é uma característica da profissão, outras expuseram que atualmente, com a internet, essa invasão ficou ainda maior. Ainda foram feitas algumas considerações sobre a necessidade de estabelecer limites e os impactos que isso pode causar.

Quanto às características da profissão, para alguns “não é uma profissão que fecha a porta do escritório e esquece. Aqui a gente leva muito trabalho pra casa, ressaltando a característica do trabalho intelectual trazido por Dortier (2005). Então se a demanda é grande e urgente, a família vai ter que entender” (ENTREVISTADO 1). O entrevistado 6 acrescenta quanto ao levar trabalho que: “Olha, professor leva trabalho pra casa. Eu não conheço professor que não leve trabalho pra casa”. Para o entrevistado 4, não só leva pra casa o trabalho, mas leva consigo as preocupações: “No meu caso, professores, trabalhadores intelectuais que gostam do que fazem, eles levam preocupações, suas intuições, vivem pensando nisso”, complementar a isso o entrevistado 3 afirma que “a gente dorme pensando num projeto, numa reunião, quando dorme pensando num projeto menos mal, pior numa reunião”.

Na visão do entrevistado 3, a profissão tem uma característica que é a flexibilidade, por isso essa relação é muito misturada na profissão. Isso porque a flexibilidade que a universidade dá, tendo como fixo a sala

de aula, é possível conciliar as questões pessoais ao trabalho e, portanto, essa flexibilidade fez com que pudesse atender as questões pessoais e familiares, mesmo se estivesse no “horário de trabalho”.

Para o entrevistado 5, é possível fazer essa distinção, apesar de não ser fácil. “É preciso uma vigilância, consciência clara. A todo o momento o profissional invade a vida privada, então é preciso ter uma consciência clara. Há uma tentação muito grande de deixar trabalho para o final de semana” (ENTREVISTADO 5). Neste sentido, a característica da flexibilidade, para o entrevistado 3, é preciso tomar cuidado e mesmo que extrapole um horário de trabalho, significa para quem pesquisa uma questão de muito prazer. Na visão do entrevistado é uma tendência o trabalho consumir, por isso é um risco, não chega a ser uma desvantagem da profissão, porque considera a vantagem muito maior e para o risco inerente à flexibilidade é preciso que se estabeleçam limites, pois “é um perigo é não ter um cuidado com os limites. Como nós temos flexibilidade, a gente pode fazer em qualquer momento e isso é um risco”.

“A gente respira o tempo todo e articula coisas. Mesmo no tempo privado, a cabeça está ligada em alguma coisa. É diferente de uma burocracia normal, ou de um trabalho normal, que a pessoa vai lá e depois se desliga. Essa invasão com a tecnologia fica mais séria ainda (ENTREVISTADO 6). Os entrevistados 4 e 6 ainda trazem que o contexto atual, com a internet, com os e-mails, pode prejudicar ainda mais. Para o entrevistado 4, “hoje uma coisa que tem que cuidar muito é o e-mail, ele te ajuda, mas tem que tomar cuidado para que não atrapalhe. Então lidar com a internet sem que ela seja uma perda de tempo é uma preocupação hoje de todo profissional, eu acho”. O entrevistado 6 enfatiza que “com a internet é uma desgraça, os caras te mandam agenda de reunião domingo. É sacanagem”.

4.4.1 Impactos

Nesta seção serão tratados dos impactos, quais as intercorrências da agenda do pesquisador na sua vida pessoal, familiar. Serão contemplados alguns exemplos, extraídos das entrevistas, posteriormente tratar-se-á das necessidades dos entrevistados de mais espaço para a vida pessoal e uma breve discussão sobre fazer o que gosta e os impactos disso, com as próprias ideias e frases dos dados coletados nas entrevistas.

O entrevistado 2, quando terminou de preencher a sua agenda semanal média, destacou que sábado aproveita para trabalhar e finalizou comentando: “Tu vê que não tem vida pessoal, então está próximo, está bem real”. De acordo com o entrevistado 5, “é uma luta contra sua família, seu corpo, sua saúde, as demandas do mundo, os amigos, a vida social, a vida boa fora do trabalho: família, amigos, lazer, esportes, grupos não profissionais.” O entrevistado 4, por exemplo, afirmou que está evitando trabalhar a noite em casa para se dedicar à família, mas que às vezes há a necessidade de trabalhar. E o entrevistado 5 ainda comenta que das demandas “a pior é a família. É dentro do que pode que invade o final de semana”. Em decorrência da agenda cheia, pela carga de trabalho, e pela invasão dos espaços pelo trabalho, pela contribuição da tecnologia, os pesquisadores comentaram que “falta espaço para minha vida, visitar minha mãe, ver meus amigos, mas eles também não têm tempo”.

Uma das afirmações, de um dos entrevistados, mostra que o dia-dia do professor-pesquisador é invadido pelas atividades de trabalho, pelos prazos, e como é uma questão de vocação, muitas vezes nem se questiona os impactos:

Tem dias que meu marido pergunta se não vou parar de estudar, tem épocas que é brabo até final de semana. Ah, parte do sábado eu sempre vou fazer alguma coisa de pesquisa e no domingo também. Eu passo alguns finais de semana pesquisando, estudando, eu passo alguns dias bastante sufocada porque são prazos, e prazos, para avaliar, pra enviar artigo. Dificilmente eu passo um final de semana que não estou agoniada com alguma coisa. Mas como faz parte da tua vida, do que tu gosta, tu faz sem questionar para onde isso está te levando.

Alguns conseguem estabelecer limites, isso ficou mais claro nas entrevistas com as professoras-pesquisadoras que são mães. Uma delas afirmou que acredita conseguir lidar com essa carga de trabalho, porque se planeja e estabelece os limites: “então esse horário é meu, esse horário é do meu filho e isso vai muito da pessoa”. Outra professora-pesquisadora entrevistada afirmou que é importante o espaço para a vida pessoal e a qualidade de vida pessoal sempre foi um objetivo, por isso “final de semana eu tento bloquear, porque se todo final de semana eu for tratar de trabalho me dá um mal-estar muito grande e eu me torno

uma pessoa doente e me prejudica no resto”. Elas, portanto, foram as que tinham mais claro os limites, o horário para se dedicar à família, para não deixar o trabalho invadir a esfera da família.

O entrevistado 4, com uma crítica a essa questão da divisão dos espaços, afirmou: “Quem sabe de fato onde se encerra a vida profissional e onde começa a pessoal? Só quem tem a vida profissional como algo frio, burocrático, que olha no relógio, só quem tem a visão instrumental do seu trabalho que deixa de ser o burocrata que era no trabalho em casa”. No entanto, outro professor-pesquisador, o entrevistado 5, afirmou uma visão clara de que é preciso que se faça essa distinção, porque além de ser difícil distinguir, fazer o que gosta pode ser um elemento que torna esse prejuízo camuflado:

Ah, mas eu gosto de fazer isso, mas você está sentado, está com uma vida sedentária, não pega sol, não se exercita, não conversa com as pessoas, não tem uma higiene mental, só puxando pela cabeça o tempo todo. Por mais prazer que você tire disso, mas tem um limite e você não consegue ver. E o pior é que a pessoa passa a se auto enganar e achar ser a coisa mais importante da sua vida e se alguém perguntar, você diz que não. Quanto tempo você se dedica a outras coisas? E isso só aparece com as crises no relacionamento, depressão, frustração, aí que a pessoa se toca e vê que tem que mudar padrão de vida.

Confirma-se, assim, a questão do tempo, da alta carga de trabalho impactando nas atividades de pesquisa, interferindo nos estudos, aplicando o NVivo 9, tendo como fonte as falas referentes aos impactos, com destaque às seguintes palavras: tempo, trabalho, semana, pessoas, pesquisa, estudar, escrever e pessoal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os intelectuais contemporâneos, produtos das universidades, para a sociologia da ciência são o objeto de estudo. Na ciência da administração, o estudo das suas bases científicas, desenvolvido a partir dos anos 80, privilegiou ao longo do tempo o produto científico dos pesquisadores, os atores do campo científico. Nesta pesquisa, a partir da perspectiva da sociologia da ciência elaborada por Bourdieu, o pesquisador é colocado no centro da investigação, como parte essencial para o estudo epistemológico da administração, ao refletir sobre o campo de atuação desses profissionais. O estudo desse ator torna-se cada vez mais importante para a compreensão da ciência, ao observá-la como um campo, como é proposto por Bourdieu.

Nesta pesquisa procurou-se responder à seguinte questão: qual é o conteúdo do trabalho do professor-pesquisador, quais seus objetivos e as atividades que compõem suas agendas? Sobre essa questão traçou-se os seguintes objetivos específicos: i) mapear as atividades com as quais os professores-pesquisadores estão envolvidos no exercício das suas funções acadêmicas; ii) identificar os objetivos profissionais destes profissionais; iii) compreender a estrutura da agenda do professor-pesquisador e os seus impactos na relação entre a vida pessoal e a vida profissional.

Através das análises foi possível responder ao primeiro objetivo específico e aprofundar no conhecimento sobre o conteúdo do trabalho dos professores-pesquisadores, a saber, as atividades com as quais eles se envolvem no exercício das funções acadêmicas: as atividades de pesquisador, as atividades de professor e os entraves burocráticos.

No tocante às atividades de pesquisa, constatou-se que o profissional dedica-se à leitura, faz parte de uma comunidade científica e de comitês científicos de avaliação, avalia artigos e projetos, além dessas atividades, dedica tempo para ócio e para a participação de grupos de pesquisa. Quando o profissional se envolve com grupos de pesquisa pode assumir a coordenação deste, assim se torna um gestor da pesquisa e passa a desenvolver atividades complementares, como as atividades de captação de recursos e a gestão de pessoas. As atividades do professor envolvem: sala de aula, preparação de material e planejamento das aulas, elaboração de sistemática de avaliação e correção dessas atividades, orientação e atendimento aos alunos. Já os entraves burocráticos compreendem as reuniões, as comissões, a elaboração de relatórios e de pareceres. Na função de coordenação estas

atividades se ampliam, com o atendimento a alunos, com as reuniões informais para negociação e com os documentos diversos referentes à função que demandam respostas e/ou ações.

Quanto aos objetivos dos profissionais, segundo objetivo específico desta pesquisa, ressalta-se que os profissionais no início da carreira objetivavam continuar estudando, seguir a vocação. Houve forte presença de objetivos pessoais nas escolhas, características da profissão e interesses profissionais que poderiam ser alcançados com a profissão. Atualmente, os objetivos concentram-se em produzir conhecimento, escrever, seguidos por tornar-se reconhecido e ajudar pessoas, tanto na formação de pessoas quanto na contribuição pelo conhecimento produzido. Destaca-se que apenas um dos entrevistados afirmou que o objetivo principal hoje é a qualidade de vida. O principal objetivo mencionado pelos entrevistados, escrever e produzir, mostra a característica da profissão de gerar conhecimento, e também de divulgar esse conhecimento produzido. Estas atividades são fundamentais para chegar ao segundo objetivo, o reconhecimento pelos pares, o qual reforça a necessidade de capital simbólico nessa profissão.

Quanto à estrutura da agenda do professor-pesquisador e os impactos da atuação profissional na relação vida pessoal e vida profissional, terceiro objetivo específico, surgiram informações muito importantes para a compreensão deste campo científico no Brasil.

Percebeu-se que a agenda do professor-pesquisador engloba uma diversidade de atividades, e há um tempo limitado para o profissional pesquisar e quando o faz, faz nos finais de semana. As atividades mais gratificantes, relacionadas às atividades de pesquisa, atividades da esfera criativa, tomam da semana útil aproximadamente 15%, ficando a outra metade para o final de semana (aproximadamente 47%).

Aproximadamente 50% dessa atividade são feitas durante o final de semana. Quanto a isso, os professores acreditam que a instituição não dá espaço para pesquisar. Destacam que pesquisar envolve uma série de atividades que a instituição não contempla no plano de trabalho. Por isso, o sujeito é obrigado a levar as principais tarefas da profissão para casa, para os horários de lazer, para manter um ritmo de produção exigido pelos órgãos que regulamentam o ensino superior, principalmente na pós-graduação, que exige alta produção de artigos, por exemplo.

Destaca-se que ao analisar utilizando o software NVivo 9, tendo como fonte toda a transcrição, verifica-se a importância da pesquisa no discurso dos professores pesquisadores. Alguns termos tratam das atividades dos professores, outras são referentes às características da

profissão, como foi visto ao longo desta pesquisa, com destaque para a pesquisa no conteúdo do trabalho deste profissional.

Resgata-se a crítica feita por um dos entrevistados: “a rigor, a universidade não entendeu o papel de pesquisa do professor-pesquisador”, já que sua agenda de trabalho não possibilita integrar as atividades de pesquisa, principalmente as atividades referentes ao estudo, durante a semana. Dessa maneira, as atividades do trabalho intelectual, o qual não deixa o profissional ao sair do escritório, adentram ao final de semana, com leituras, elaboração e avaliação de artigos, por exemplo. Os limites entre a relação vida pessoal e vida profissional, de uma maneira geral, não são muito claros e os impactos constatados refletem, na maioria das vezes, na esfera da família e na vida social fora do trabalho. Uma das discussões sobre essa questão, feita pelos próprios entrevistados, mostrou que, muitas vezes, quando se depara com a agenda repleta de trabalho, considera positivo porque pelo menos está fazendo alguma coisa, e algo relevante, prazeroso, que trará algum tipo de capital, o capital científico, nesse caso. No entanto, “Quanto tempo você se dedica a outras coisas?” (ENTREVISTADO 5).

No trabalho de Berry (1995) constatou-se que no caso Francês alguns pesquisadores chegam a dispensar as atividades de ensino, pela alta carga de trabalho e para se dedicar à pesquisa. Ressalta-se que no contexto dos professores-pesquisadores entrevistados, isso não é possível dado que o ensino é um dos tripés da universidade no Brasil e a profissão de pesquisador está vinculada à profissão de professor.

No entanto, não seria uma contradição a atividade de pesquisa representar apenas 32%, contemplando atividades relacionadas à pesquisa, pesquisa de campo, estudar, avaliação de artigos e redes, tendo em vista que é a principal atividade relacionada à realização dos objetivos profissionais destes atores? Não seria uma incompatibilidade, então, entre os objetivos e a agenda deste profissional?

Quais são os riscos de ser professor-pesquisador nesse contexto, com uma agenda que excede 50 horas de trabalhos semanais? Não nos furtamos a trazer esses dados e questões, frutos dessa pesquisa preliminar, para contribuir com o desenvolvimento do tema em trabalhos futuros.

Finalmente, como sugestão para trabalhos futuros, dando continuidade à investigação sobre o trabalho do professor-pesquisador, destaca-se: uma pesquisa quantitativa que tenha como hipóteses as constatações desta, um estudo que analise as relações do campo a partir da teoria de redes e, conforme apresentado no parágrafo acima, uma pesquisa que aprofunde os impactos das relações entre a vida pessoal e a

vida profissional. Essa discussão sobre os impactos, a qual se mostrou interessante ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, deve ser estudada em trabalhos futuros, com destaque para o trabalho de Ferreira (2003) e Killinger (1991), os quais tratam do *workaholic*, malgrado as diferenças do conteúdo do trabalho dos profissionais analisados nesses estudos, profissionais de empresas, em sua maioria os executivos.

REFERÊNCIAS

ANPAD – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração. **Divisões acadêmicas e temas de interesse**. Disponível em:

<http://www.anpad.org.br/diversos/divisoes_academicas/eor_lideres.html>. Acesso em: 10 de junho de 2010.

AUDET, M. ; DÉRY, R. La science réfléchi. Quelques empreintes de l'épistémologie des sciences de l'administration". IN : **Anthropologie et Sociétés**. Vol.20, n. 1, 1996.

AUDET, M. Le procès des connaissances de l'administration. IN : AUDET, M. ; MALOUIN, J.-L. (orgs.) **La production des connaissances scientifiques de l'administration**. Quebec : Les Presses de l'Université Laval, 1986.

BERRY, M. L'agenda du chercheur. L'action individuelle. IN : **Sciences humaines**, hors-série, n.9, mai/jun 1995.

BERTHELOT, J.-M. (org.) **Épistémologie des sciences sociales**. Paris : PUF, 2001.

BLANCHÉ, R. **A epistemologia**. 4 ed. Lisboa: Editorial Presença, 1988.

BOURDIEU, P. Le Champ Scientifique. **Actes de la Recherche em Sciences Sociales**, n. 2/3, jun. 1976.

BOURDIEU, P. O campo científico. In: Ortiz, R. (org.) **Pierre Bourdieu – sociologia**. São Paulo : Ática, 1994.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Unesp, 2004a.

BOURDIEU, P. **Para uma sociologia da ciência**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2004b.

BURRELL, G.; MORGAN, G. **Sociological Paradigms and Organizational Analysis**. London: Heinemann Educational Books, 1979.

CAMPOS, A. M. Contribuição para o Resgate da Relevância do Conhecimento para a Administração. IN: **Seminário “Em Busca de Novos Caminhos para as Organizações”**. COPPEAD, Rio de Janeiro, 1993.

CARDOSO, R. S.; SILVEIRA, A.; NASCIMENTO, S; ROCHA, I. Epistemologia e administração: abordagem de estudo inicial na base SCIELO Brasil, de 1998 a 2008. In: **Congresso da ANPCONT**, 2010, Natal, RN. Anais do ANPCONT, 2010. v. 1. p. 1-16.

CASTRO, C.M. **A prática da pesquisa**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1978.

CHARLE, C. Produire et diffuser: le arcanes de la reconnaissance. In : **Sciences humaines**, hors-série, n.21, jun/jul, 1998.

CUNHA, P. R.; HEINZMANN, L. M. ; SILVEIRA, A. Epistemologia: um primeiro olhar sobre o ensino nos Programas de Doutorado em Administração e Ciências Contábeis e a Produção Científica no Brasil. In: **XIII SEMEAD Seminários em Administração - Sustentabilidade Ambiental nas Organizações**, 2010, São Paulo. **XIII SEMEAD Seminários em Administração - Sustentabilidade Ambiental nas Organizações**. São Paulo, 2010.

DELPEUCH, J. L.; LAUVERGEON, A. 'Sur la trace des dirigeants' (On the managers' trail) IN : **Gérer et comprendre**. no. 2, March 1986

DORTIER, J-F. Qu'est-ce qu'un chercheur? IN: **Sciences Humaines**, hors-série n° 31, décembre 2000/janvier 2001.

FERREIRA, J. L. O. **O fenômeno workaholic na gestão**. 2003. 179 f. Dissertação (Mestrado) - UFPR, Curitiba, 2003.

GUERREIRO RAMOS, A. **A nova ciência das organizações**: uma reconceituação da riqueza das nações. São Paulo: FGV, 1989.

GRAYLING, A C. Epistemology. Bunnin *et al* (editors); **The Blackwell Companion to Philosophy**. Cambridge, Massachusetts: Blackwell Publishers Ltd, 1996.

JAPIASSU, H. **Introdução ao pensamento epistemológico**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

KILLINGER, B. **Workaholic**: the respectable addicts. New York: Simon & Schuster, 1991.

KUHN, T. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

LECLERC, G. Qui sont les intellectuels? Le cas des universitaires. IN: **Sciences Humaines**, n° 157, Février, 2005.

LOUVEL, S. Le monde des chercheurs. IN : **Sciences humaines**, v.28, n.157, fev.2005.

LOUZADA, R.C. R.; SILVA FILHO, J. F. Tornar-se pesquisador: a escolha profissional como um processo. **Psicologia em estudo** [online]. 2008, vol.13, n.4, p. 753-760.

MATTOS, P. L. C. L. Nós e os índices - a propósito da pressão institucional por publicação. **RAE**, Rio de Janeiro: FGV, v. 48, n. 2, p. 144-149, abr./jun. 2008.

RICHARDSON R J *et al.* **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1985.

ROBERT, P. **Le Nouveau Petit Robert**: dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française. Paris: Le Robert, 2009.

SÉGUIN, F. ; CHANLAT, J-F. **L'analyse des organizations: une anthologie sociologique**. Tome I, p. 33-36. Montréal. Gaëtan Morin, 1987.

SCOTT, K. *et al.* An exploration of meaning and consequences of workaholism. **Human Relations**, v. 50, n. 3, 1997.

SERVA, M. ; DIAS, T. ; ALPERSTEDT, G. D. O paradigma da complexidade e a teoria das organizações: uma reflexão epistemológica. **RAE** (Impresso), v. 50, p. 1-26, 2010.

SERVA, M. ; PINHEIRO, D. M. Epistemologia e sociologia da ciência da administração: uma reflexão inicial sobre os estudos do campo no Brasil. In: **XXIII Encontro da ANPAD, 2009**, São Paulo. Anais do XXIII Encontro da ANPAD, 2009.

SERVA, M. A Importação de Metodologias Administrativas no Brasil - Uma Análise Semiológica. **RAP. Revista Brasileira de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 4, p. 128-144, 1992.

SERVA, M. Contribuições para uma teoria organizacional brasileira. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, 1990.

TEIXEIRA, A. N. **Análise qualitativa com o programa NVivo 8**: fundamentos. Disponível em: <nvivo.vilabol.uol.com.br/download/nvivo8_fundamentos.pdf>. Acesso em: 10 maio 2011.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VELLOSO, J. (Org.). **Pós-graduação no Brasil**: formação e trabalho de mestres e doutores no país. 1 ed. Brasília: CAPES, 2002, v. 1.

VELLOSO, J. ; SAMPAIO, H.; MATOS, B. P.; BALBACHEVSKY, E. Formação acadêmica e mercado de trabalho: os destinos profissionais de mestres e doutores em Administração. In: VELLOSO, J. (Org.). **Pós-graduação no Brasil**: formação e trabalho de mestres e doutores no país. 1 ed. Brasília: CAPES, 2002, v. 1, p. 61-100.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 9. ed São Paulo: Atlas, 2007. 92p.

WEBER, M. A ciência como vocação. IN: **Ensaio de Sociologia** (p. 154–183). Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.

WOOD JUNIOR, T. O trabalho do cientista. **Informativo ANPAD**. nº6 / jan-fev-mar, 2005. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/index_opinio_opinio.php?cod_informativo=6>. Acesso em: 01/03/2011.

APÊNDICE A

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Categoria 1 – Conteúdo do trabalho

Trajatória

Conte-me um pouco sobre sua carreira, formação e empregos.

-Quando decidiu seguir esta carreira? Quais os motivos que te levaram a optar por esta carreira?

-Qual foi a sua primeira experiência como professor? E como pesquisador?

-Onde você já trabalhou?

-Você já assumiu cargos e funções institucionais, na universidade? Quais? Quando?

-Quais as linhas de pesquisa que trabalha?

Atividades/funções?

O que é ser professor-pesquisador no Brasil?

Quais as vantagens? E as desvantagens?

-Quais as atividades que você faz como professor?

E o que você faz como pesquisador?

Você, atualmente, exerce alguma função institucional, cargo de chefia ou coordenação?

Você participa de alguma rede de pesquisadores ou núcleo de pesquisa?

Categoria 2 - Objetivos profissionais

-Quais eram os seus objetivos profissionais quando optou pela carreira acadêmica?

Atualmente quais são seus objetivos, a longo prazo?

A carreira de professor-pesquisador te proporcionou ou contribuiu para atingir esses objetivos? De que forma?

Quais foram os objetivos profissionais ou pessoais que te levaram a escolher a carreira acadêmica?

Categoria 3 – Cotidiano

Rotina

Quais são as atividades que você faz semanalmente?

Quais são as atividades mais importantes na sua profissão?

Quais as atividades/funções mais gratificantes da profissão?

Distribuição do tempo

Como você descreveria o seu dia-a-dia?

Quais as atividades que levam mais tempo para serem realizadas?

Como você decide o que fazer primeiro? Quais atividades que você realiza primeiro e por quê?

Agenda

Preencha nesta agenda o que você costuma fazer, faça uma estimativa levando em conta todas as atividades que você elencou anteriormente. Por favor, retrate a realidade, mesmo que exceda o período de uma semana ou tome seu tempo em casa, nos finais de semana.

Categoria 4 - Relação trabalho e vida pessoal

Divisão dos espaços

Você faz distinção entre tempo em que está trabalhando e o tempo que não está?

É clara pra você a distinção entre a sua vida pessoal e a sua vida profissional?

Existe algum impacto disso? Já houve alguma decorrência (impacto) disso em sua vida?